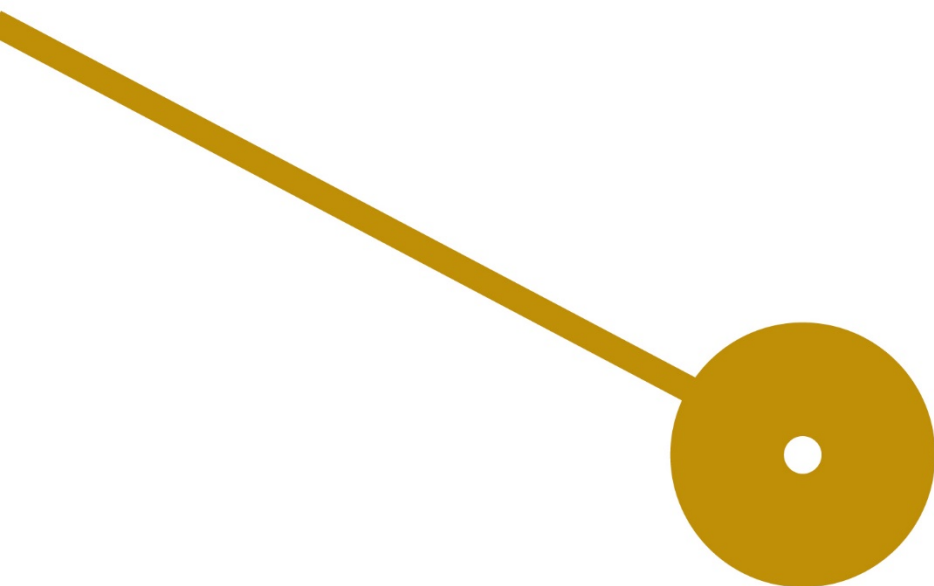


# “Do outro lado”: um projecto para ensaiar trocas entre o masculino e o feminino.

Sara Raquel Mendes Soares Gomes da  
Costa

06/2018





**MESTRADO**  
**ARTES CÉNICAS**  
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

# “Do outro lado”: um projecto para ensaiar trocas entre o masculino e o feminino.

Sara Raquel Mendes Soares Gomes da  
Costa

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do  
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e  
Direção Artística.

Professora Orientadora  
Dr. <sup>a</sup> Inês Vicente

À Maria e ao Rafael, para que possam crescer a desfrutar de todas as oportunidades.

## **Agradecimentos**

À Inês Vicente pelo apoio, pela disponibilidade, pela confiança que depositou em mim e sobretudo por uma orientação dedicada e rigorosa do meu trabalho.

À Ana Vargas, ao Gilberto Oliveira, ao Ivo Bastos e à Joana Moraes por aceitarem este desafio e pelo valioso contributo que tiveram na criação do espectáculo e na pesquisa: sem eles este trabalho não seria possível. E ainda ao Emílio Gomes cujo contributo inicial foi indispensável da mesma forma.

Ao Pedro Lima por todo o apoio e pelo seu contributo na incrível e certa escolha musical.

Ao José Carlos Pereira pela disponibilidade e pela operação do espectáculo.

À Marta Leitão por todas as conversas inspiradoras.

À Marta Lima pela confiança que depositou em mim, e à Sala de Bolso da Assédio por nos abrirem as portas e nos cederem o seu espaço.

Aos professores Samuel Guimarães, Sónia Passos, Claire Binyon e Manuela Bronze, e a todos os meus colegas de turma que ao longo do mestrado me foram apoiando e generosamente oferecendo novos pontos de vista, contribuindo para o enriquecimento da minha pesquisa.

Aos meus pais e a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram neste desafio.



**Resumo**

“Do outro lado” é um espectáculo teatral que resulta de um projecto de mestrado de investigação-acção em criação cénica. Procura através das trocas de personagens entre actores-criadores masculinos e femininos, questionar os papéis sociais de género e os estereótipos de género na e através da criação de personagens.

As micro-agressões de género surgem como o principal material dramático numa perspectiva de que todos nós, homens e mulheres, somos vítimas, mas também agressores quanto à diferenciação de género.

O *devising* constitui-se aqui como metodologia de pesquisa e de criação do espectáculo, bem como a parceria com a Musgo – Companhia de teatro cujos processos e filosofia de criação possibilitaram o enquadramento desta investigação.

**Palavras-chave**

Criação de personagem; masculino/feminino; papéis sociais e estereótipos de género; micro-agressões de género; *devising*.

**Abstract**

"Do outro lado" is a theatre piece that resulted from a master's practice-based research project in the area of Theatre making. It was seeking through the exchanges of characters between male and female actors-creators, to question the social roles of gender and gender stereotypes in and through the creation of characters. Gender micro-aggressions appear as the main dramaturgical material working from the perspective that all of us, both men and women, are victims but also aggressors in terms of gender differentiation.

Devising is the methodology for research and creation of the show, as well as the partnership with *Musgo – Companhia de teatro* whose processes and philosophy of creation made possible the framing of this research.

**Keywords**

Character creation; male/female; social roles and gender stereotypes; gender micro-aggressions; devising.

## Índice

Introdução.....	1
<b>1. PERMISSAS DO PROJECTO.....</b>	<b>3</b>
1.1. Motivação para a temática.....	3
1.1.1. A contradição no contexto teatral português.....	4
1.1.2. A contradição na representação do feminino nos textos teatrais.....	5
1.2. Referências teóricas para um posicionamento feminista.....	7
1.2.1. Sexo e género: de Simone de Beauvoir a Judith Butler.....	8
1.3. Selecção de materiais para a criação.....	10
1.3.1. Papéis sociais de género e estereótipos de género; o feminino e o masculino e a diferenciação de géneros.....	10
1.3.2. Micro-agressões de género.....	11
1.4. Elementos relativos à criação teatral.....	13
1.4.1. <i>Devised Theatre</i> , uma ferramenta de criação e investigação.....	13
1.4.2. <i>Devised Theatre</i> como forma de questionamento do poder patriarcal instituído.....	15
1.4.3. Musgo – Companhia Teatral.....	15
1.4.4. Criação de personagem.....	16
<b>2. PROJECTO DO OUTRO LADO.....</b>	<b>20</b>
2.1. Metodologia aplicada no projecto de investigação-acção.....	20
2.2. Ponto(s) de partida.....	21
2.2.1. Explorando os temas.....	24
2.3. Análise do espectáculo “Do outro lado” – cena a cena.....	27
2.3.1. Prelúdio – No escuro.....	27
2.3.2. Cena 1 – O espaço da loja.....	28
2.3.3. Cena 2 – Monólogos.....	30
2.3.4. Cena 3 – A inauguração.....	32
2.3.5. Cena 4 – Preparação para o jantar.....	36
2.3.6. Cena 5 - O jantar.....	38
2.3.7. O final.....	42
<b>3. REFLEXÕES PÓS-APRESENTAÇÃO PÚBLICA.....</b>	<b>44</b>
3.1. Considerações à posteriori.....	44
3.1.1. Sobre o processo de criação teatral.....	44
3.1.2. Sobre as trocas.....	45
3.1.3. Sobre a temática.....	47
3.2. Perspectivas futuras.....	48
Bibliografia.....	49
Anexos.....	52

ESMAE

**ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO**

POLITÉCNICO  
DO PORTO

**P.PORTO**

## Introdução

O presente trabalho pretende reflectir sobre o projecto teatral “Do outro lado” realizado no âmbito do Mestrado em Artes Cénicas da ESMAE.

Este projecto é o culminar de um questionamento que me acompanha ao longo da minha carreira académica e profissional e que decidi desenvolver neste Mestrado. O meio teatral português ainda representa fortemente as relações de poder patriarcal. A sociedade está a mudar, o teatro deve acompanhar ou até antecipar, ser motor para a mudança.

Ainda no primeiro ano, na disciplina de Pesquisa Teatral II realizei uma primeira experiência à volta do assunto: criei e dirigi um pequeno solo de dez minutos - “Sex Appeal”, em colaboração com duas colegas de turma, que focava as questões do feminino e os estereótipos de género e a sua relação com as redes sociais.

Gloria Steinem no preâmbulo da obra dramática Os Monólogos da Vagina (Enslar, 2008, p.23) afirma que “derrubar cinco mil anos de patriarcado parece uma tarefa gigantesca, concentremo-nos em celebrar cada vitória digna ao longo do caminho”. Interessa-me aqui lançar a discussão sobre os papéis sociais de género e os estereótipos de género na criação, em particular as diferenças e contrastes entre o que é tido como masculino e feminino; contribuindo ainda para um melhor entendimento do que é o feminino e o masculino na criação.

Para a pesquisa prática e criação do espectáculo recorreu-se a técnicas de *devising*, improvisação e discussão em grupo, questionando na prática diferentes possibilidades de criação e criação de personagens procurando materializar as questões dramáticas fundamentais em cena teatral.

As micro-agressões de género surgem como o principal material dramático numa perspectiva de que todos nós, homens e mulheres, somos vítimas, mas também agressores quanto à diferenciação de género. Foi também uma forma de aproximar

a temática à equipa que se conseguiu identificar de imediato com a proposta.

O conceito de performatividade de género de Judith Butler serve de base para o questionamento, sem descartar uma série de outras referências teóricas feministas, procurando abordar a construção das personagens destruindo barreiras entre o feminino e o masculino.

A parceria com a Musgo – Companhia de Teatro neste projecto, resulta de anos de trabalho conjunto e da vontade de continuar a trabalhar numa linguagem própria da companhia.

A presente monografia organiza-se em três momentos fundamentais.

Num primeiro momento (I), são abordadas as premissas deste projecto, as motivações, as referências e uma selecção de materiais que orientaram a prática.

Num segundo momento (II), é apresentada uma descrição da metodologia aplicada no processo de criação e é feita uma análise dos pontos de partida e do espectáculo “Do outro lado” reflectindo sobre todos os elementos-chave do processo de investigação-acção.

Num terceiro momento (III), a título conclusivo, é apresentada uma reflexão pós-apresentação, reflectindo em particular sobre a criação, a temática e as trocas.

Coloca-se então a seguinte questão de partida:

Em que medida a troca na atribuição de uma personagem entre actores-criadores masculinos e femininos tem influência sobre a mesma?

# 1. PREMISSAS DO PROJECTO

## 1.1. MOTIVAÇÃO PARA A TEMÁTICA

Ao longo da minha vida confrontei-me com situações em que me senti injustiçada e em que questioneei o porquê das coisas. Durante a minha infância e adolescência apelidavam-me de “espírito de contradição”. O termo era utilizado com o sentido de que eu estava a contrariar algo já estabelecido, e que por estar estabelecido era verdadeiro e inquestionável. Sempre que fazia perguntas como: “Quem disse que tem de ser assim?”, “Porque é que não pode ser diferente?” ou “Porque é que eu tenho de ajudar a levantar a mesa e o meu irmão pode ficar sentado a conversar com os convidados?”, mais cedo ou mais tarde lá vinha a resposta: “Lá estás tu com o teu espírito de contradição!” Felizmente posso dizer que esse “espírito de contradição” não me largou nunca; e descobri que a contradição não está em mim e sim na realidade que percepciono. Teresa Forcades, explica a sua definição de teologia feminista, que extrapola para todo o pensamento crítico, partindo desta ideia de contradição da seguinte forma:

A precise definition of Feminist Theology starts with the idea of contradiction... it is a critical theology. Critical theology and critical thinking start's because something doesn't make sense. The starting point is the situation of women, not in general, but in concrete terms. From the Gospels and from my encounter with God I know that women are called to a fullness that is not second to the fullness of men in any way. But I see in society and also in church areas where women are excluded in ways I find unjust. And is not me personally, but everybody who experiences this contradiction and defines it in these terms. But experiencing contradiction is not enough to be a feminist theologian, whether male or female, or for critical feminist thinking. [...] First, we have to experience the contradiction, second you have to define your position with respect to this contradiction. [...] The third condition, that moves critical theology beyond purely personal intuition and gives it meaning, is that the institution, which is our religion, does not recognize the contradiction. (berniezbear, 2013).

Na minha vida profissional continuei a deparar-me com as mais variadas contradições e cheguei à seguinte formulação: vivemos um período de progressão rumo à equidade de género e no entanto a prática teatral nacional ainda representa fortemente as relações de poder patriarcal. Considero que esta é uma contradição cultural e social e que me tem afectado ao longo da minha carreira profissional. Ao longo dos anos experienciei diversas vezes esta contradição: ora de forma quase imperceptível, quando observo que os meus colegas actores são chamados muito mais vezes para audições e têm muito mais trabalho do que eu ou as minhas colegas actrizes,

ora de forma mais evidente como ouvir directamente de um director artístico de uma companhia que não gosta de trabalhar com mulheres e prefere trabalhar com homens, ou de um dramaturgo que afirmou não saber como escrever para mulheres. Todas estas experiências fizeram com que desenvolvesse um pensamento crítico feminista dentro do teatro, o que me levou a procurar uma forma de utilizar o meu trabalho para explorar e me posicionar relativamente a esta contradição.

Importa então fazer algumas considerações sobre dois pontos importantes relativamente a esta contradição: o contexto teatral português e a representação do feminino nos textos teatrais.

### **1.1.1. A CONTRADIÇÃO NO CONTEXTO TEATRAL PORTUGUÊS**

Considero que o nosso meio artístico ainda representa fortemente as relações de poder patriarcal: pela escolha de textos cujas personagens centrais são maioritariamente masculinas e cujas personagens femininas são exemplarmente estereotipadas; pelos elencos formados maioritariamente por homens, por toda uma estrutura de poder cultural ainda nas mãos de homens, fazendo-se notar a quase ausência de mulheres em cargos directivos, e em lugares de encenação.

Segundo Brockett (1999), é sobretudo a partir de Maio de 1968 que aumenta a aceitação de dramaturgas e aumenta o número de companhias feministas um pouco por todo o mundo. Também em Portugal, depois da revolução do 25 de Abril de 1974 começam a surgir trabalhos artísticos e companhias feministas, sendo o mais importante exemplo a criação da companhia “Escola de Mulheres” dirigida por Fernanda Lapa e cujo manifesto, em que me revejo bastante, diz:

A ESCOLA de MULHERES – OFICINA DE TEATRO [...] foi criada em 1995 por um conjunto de mulheres de gerações diferentes e experiências diversas e reconhecidas, mas com o sentimento comum do papel de subalternidade a que a mulher tem sido reduzida no Teatro português, quer na condução dos processos criativos, na política de repertórios ou no relacionamento com os poderes instituídos, bem como, de um modo geral, nas tarefas que envolvam poder de decisão.

Pretende-se privilegiar a criação e o trabalho feminino no Teatro e promover e divulgar uma nova dramaturgia de temática e escrita femininas, quer nacional, quer estrangeira, na medida em que o repertório habitualmente representado nos nossos palcos não reflecte, em nosso entender, o papel



que nas últimas décadas a Mulher tem vindo a desempenhar, assim como as novas contradições que daí advêm, vinculando quase sempre pontos de vista masculinos sobre as mulheres e reproduzindo universos tipicamente masculinos. (www.escola de mulheres.com).

No entanto há que procurar a igualdade de oportunidades de outras formas, e noutros contextos e é isso que me leva a este projecto. Uma companhia direccionada para as questões do feminino dentro do teatro não é por si só suficiente para alcançar a igualdade.

Cinquenta anos volvidos após o Maio de '68, e quarenta e quatro anos depois do 25 de Abril as mulheres portuguesas continuam a não ter as mesmas oportunidades no meio teatral. Aliás, pode facilmente observa-se que das escolas de teatro portuguesas saem formadas um número muito superior de actrizes do que de actores, no entanto no mundo laboral a percentagem inverte-se significativamente.

### **1.1.2 A CONTRADIÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NOS TEXTOS TEATRAIS**

Muitos dos textos clássicos e muitos dos contemporâneos também, escritos maioritariamente por homens, representam um ponto de vista masculino: colocam o homem no centro da acção e deixam a mulher quase sempre em segundo plano, sendo que as personagens femininas são invariavelmente representativas de um qualquer estereótipo: “Patriarchal cultural visions often reduce women to stereotypes (virgin, whore, madonna, bitch) and fetishized body parts (breasts, vagina, face).” (Fortier, 2002, p.111).

Eu lembro a primeira vez que li “A Fera Amansada” de William Shakespeare e vibrei com toda a força e entusiasmo de Kate na defesa das suas convicções que lhe diziam que não precisava de um homem para se realizar. Para mim esta era uma personagem feita à minha imagem. Infelizmente à medida que a peça se vai desenrolando com todas as piadas feitas à custa de Kate, esta vai-se transformando, vai-se deixando dominar por Petruccio e no final temos mais uma vez a mulher submissa e bem-comportada, o exemplo de uma boa mulher... aos olhos de homens. Esta Kate não me representa; nem eu desejo representar tal personagem. Shakespeare questiona o papel da mulher em diversas outras peças com situações de travestismo, como por exemplo em “Noite de Reis” em que Viola se veste de Cesário para se

aproximar de Orsino, mas também esta personagem tem o mesmo fim que todas as outras mulheres: a paixão e o casamento.

As actrizes são “forçadas” a interpretar papéis com os quais não se identificam e o público feminino vai ao teatro para ver e rever o ponto de vista masculino com todos os seus heróis e virgens, prostitutas, madonas e “cabras”. Como público não desejo continuar a ver em palco estereótipos de mulheres em que não me reconheço; como actriz e como criadora desejo sobretudo poder trabalhar sem colocar em causa a integridade dos valores que defendo. “A stereotype involves the reduction of persons to a set of exaggerated, usually negative, character traits. Stereotyping reduces, essentializes, naturalizes and fixes “difference”.” (Barker, 2000, p.248). Acredito que os estereótipos possam ser utilizados no teatro como forma de questionamento dos mesmos, no entanto, o que aponto aqui é que raramente esse questionamento se realiza em palco.

Claro que existem excepções e que o número de mulheres dramaturgas tem vindo a crescer e com isso uma nova dramaturgia feminista. A mim interessa-me em particular aquela dramaturgia que procura questionar a diferenciação de géneros e/ou tratar de forma igual, homens e mulheres e não aquela que se volta para o feminino e que por vezes coloca de parte o universo masculino.

Caryl Churchill, escreveu uma peça especialmente interessante neste sentido: “Cloud Nine”. Este texto nasceu de um workshop sobre políticas sexuais. Nesta peça a autora cria um dispositivo cénico em que na primeira parte as personagens são representadas por interpretes de sexo ou cor de pele diferente da das personagens. As identidades das personagens são distorcidas pela realidade corporal do intérprete. Já na segunda parte, os papéis são atribuídos por género e cor, excepto Cathy a criança de 4 anos que é representada por um actor homem adulto. Esta mudança da primeira para a segunda parte pressupõe uma fuga à opressão em direcção a uma identidade natural. Ainda assim joga-se com a identidade masculina/feminina das personagens que levam algo da primeira parte para a segunda na troca de atribuição das personagens. Churchill subverte estereótipos de género e étnicos usando trocas de género e de cor da pele na atribuição de personagens. Este jogo de trocas de “Cloud Nine” é um exemplo de questionamento dos estereótipos de género a partir de uma criação teatral. “Do outro lado” pretende fazer uso do mesmo mecanismo de trocas para questionar tudo isso no processo de criação em *devising*; é também um trabalho de escrita teatral que procura através da

experimentação a possibilidade de criar sem que o género do intérprete de cada personagem seja determinante, ou pelo menos promover a reflexão crítica sobre o assunto.

As motivações para este projecto encontram-se na intercepção entre a temática da luta feminista contra o patriarcado e a vontade artística de desenvolver um projecto como encenadora com uma equipa de actores profissionais, coisa que nunca antes tinha feito. Daqui para a frente desenvolvo todas as ideias e conceitos que entram em jogo neste projecto de pesquisa, sejam eles artísticos ou temáticos.

## **1.2. REFERÊNCIAS TEÓRICAS PARA UM POSICIONAMENTO FEMINISTA**

Porque há diferentes formas de feminismos, é importante referir que posiciono o meu trabalho sob o ponto de vista do feminismo pós-estruturalista e interseccional.

Segundo Barker (2000), em termos gerais o feminismo defende a ideia de que o sexo é, à data, um eixo fundamental de organização social que tem subordinado as mulheres ao poder dos homens, e que se tem descrito como patriarcado. As teorias feministas influenciadas pelos pós-estruturalistas e pós-modernistas defendem que os géneros são construções sociais e culturais que não se explicam pela biologia, nem se reduzem a funções do capitalismo. A feminilidade e a masculinidade não são categorias universais e eternas, mas construções do discurso, ou seja, são formas de descrever e disciplinar os sujeitos. Assim sendo, o feminismo pós-estruturalista preocupa-se com as construções culturais de subjectividade *per se* incluindo todo o manancial de possibilidades de masculinidades e feminilidades. Também os homens enfrentam problemas significativos, pois são constantemente confrontados com uma ideia de masculinidade tradicional que não é a sua.

A teoria interseccional sugere e procura examinar como diferentes categorias biológicas, sociais e culturais, tais como género, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, casta, idade e outros eixos de identidade interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos. Este quadro pode ser usado para entender como a injustiça e a desigualdade social ocorrem numa

base multidimensional. Segundo Angela Davis isso é o que distingue o feminismo convencional do feminismo interseccional:

If we fail to perceive connections, relations, intersections, crossings, junctures, coincidences, overlapping and cross-hatching phenomena we will be forever imprisoned in a world that appears to be white, and male, and heterosexual, and cisgender, and capitalist, and u.s. centric or eurocentric. We have learned from feminist studies that the world is not homogeneous that all the women are not white, that all black are not men. That if we do not include economic justice, then gender justice has not been achieved. It means that we have to develop habits of perception, habits of analysis that acknowledge the inadequacies of the conceptual tools of which we are compelled to rely. (AfroMarxist, 2017)

O feminismo e a procura pela igualdade de géneros não estão isoladas de todas as outras formas de distinção, nem do contexto socio-político-económico em que vivemos. No espectáculo “Do outro lado” embora não haja referências directas a todas estes factores, eles também não são ignorados, sendo que muitas das micro-agressões e diferenciações de género partem da sobreposição e intersecção de várias destas dimensões.

### **1.2.1. SEXO E GÉNERO: DE SIMONE DE BEAUVOIR A JUDITH BUTTLER**

Não descurando todos os movimentos activistas do feminismo desde as primeiras sufragistas da era pós-revolução industrial do século XIX entre outros, podemos dizer que foi com a célebre frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” que se inicia todo um pensamento feminista que distingue “sexo” e “género”. É a partir desta frase que teóricas feministas como Joan Scott iriam, nos anos oitenta, reflectir sobre a diferença entre "sexo" e “género” (diferença sexual socialmente construída), desafiando e questionando a noção de que a biologia é determinante para os papéis atribuídos às mulheres e de que existe uma "essência feminina". O que Beauvoir propõe é um questionamento sobre a artificialidade da categoria “mulher”: um ser humano do sexo feminino "não nasce mulher", antes "se torna mulher", através da aprendizagem e repetição de gestos, posturas e expressões que lhe são transmitidos ao longo da vida. Entenda-se assim que “sexo” é um conjunto de características estruturais e funcionais segundo as quais um ser vivo é classificado como macho ou fêmea com alguns indivíduos sendo classificados como intersexuais. O “género”, por seu lado, é culturalmente aprendido.

Judith Butler defende que ser mulher não é “natural” e sim “naturalizado” através de repetidas performances de género; por sua vez, essas performances reproduzem e definem as tradicionais categorias de sexo e/ou género. Butler vai buscar o seu conceito de performatividade de género às artes cénicas: “Butler very specifically compares gender roles to rehearsed theatrical performances that follow known scripts which survive the particular actors of the moment.” (Schechner, 2002, p.132). No sentido inverso eu encontro no conceito de performatividade o potencial cénico e dramático para a criação de um espectáculo que questione o poder patriarcal e os estereótipos de género por ele instituídos, procurando outras possibilidades de construção de personagem que abram novos caminhos para um teatro mais livre de preconceitos. Ora se o género é performativo, um actor, qualquer actor poderá representar e “performar” qualquer personagem independentemente do seu género; e por outro lado, qualquer personagem pode ser feminina ou masculina, apenas dependendo do elenco ou das vontades do encenador e/ou colectivo. Em teoria, basta conhecer a “norma” cultural para que qualquer das hipóteses seja possível.

Como se dá, quando se dá e de que forma se dá o processo de feminização ou masculinização de uma personagem? Será reversível? Será maleável? Haverá comportamentos exclusivos de mulheres ou de homens que só se possam atribuir a personagens femininas ou masculinas?

Eu penso que há comportamentos humanos. O teatro é por si só um mundo de possibilidades, o que procuro não é uma regra geral, mas uma forma de fazer e de pensar sobre a problemática em questão. Procuo alternativas a modelos culturais ultrapassados, assentes em visões patriarcais. Procuo entender a influência dos conceitos de masculino e feminino na criação de personagens dentro de uma criação artística específica. Procuo novas formas de entender o feminino e o masculino na e através da criação de personagens. Se entendermos a criação de identidade de género com base no meio cultural em que nos inserimos, seja por subordinação ou insubordinação à normatividade (Butler, 2017), será o trabalho criativo da construção de personagens influenciado pelos mesmos princípios? Eu penso que de alguma forma sim, (in)conscientemente cingimo-nos a padrões, a papéis sociais e estereótipos de género, mas conscientemente podemos alterar isso.

Sexo é, em regra, fixo; já o papel de género muda no espaço e no tempo (principalmente com a tomada de consciência de distinções que são construídas socialmente, e que podem e devem ser em inúmeros casos “desconstruídas”, para que haja igualdade do ponto de vista social) (Nohara, 2015)

Porque é fácil confundir os conceitos de sexo, género e orientação sexual, importa para o caso definir este último. A orientação sexual de uma pessoa indica por quais dos géneros ela se sente atraída quer física, romântica e/ou emocionalmente. Ela pode ser assexual, bissexual, homossexual heterossexual ou pansexual. (adimn\_livrarialorence, s.d.) Para o presente processo de pesquisa decidi não explorar o conceito de orientação sexual que não depende de forma alguma da identidade de género ou do sexo. No entanto, esse foi um ponto a ter em conta para a troca de personagens sobretudo no que toca à construção final do texto, como veremos adiante.

### **1.3. SELECÇÃO DE MATERIAIS PARA A CRIAÇÃO**

Dentro das questões de género existe um manancial de possibilidades para explorar. Em particular interessou-me para este projecto de pesquisa questionar a influência dos papéis sociais e os estereótipos de género na criação, em particular as diferenças e contrastes entre o que é tido como masculino e feminino, e ainda as micro-agressões de género.

#### **1.3.1. PAPÉIS SOCIAIS DE GÉNERO E ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO; O FEMININO E O MASCULINO E A DIFERENCIAÇÃO DE GÉNEROS**

Each individual from an early age learns to perform gender-specific vocal inflections, facial displays, gestures, walks, and erotic behavior as well as how to select, modify, and use scents, body shapes and adornments, clothing, and all other gender markings of a given society. (Schechner, p.130/131)

Uma sociedade patriarcal ensina-nos o que devemos fazer, o que devemos dizer, como nos devemos comportar, como devemos “ser” de acordo com o nosso género, que dentro do contexto tem de ser idêntico ao sexo com que nascemos; aprendemos o nosso género e dele fazemos uma performance para toda a vida para de seguida passá-lo de geração em geração, perpetuando um sistema bem estabelecido. Se não nos questionarmos podemos passar uma vida inteira cumprindo o papel que nos é atribuído na perfeita convicção de que a realidade é essa e só essa, perpetuando estereótipos.

Todos nós já ouvimos frases como: “Os homens são mais práticos e as mulheres são mais carinhosas” ou “cor de rosa é para meninas”. Mas porquê? O meu “espírito de contradição” levou-me a descobrir que na verdade esta última escolha começa com uma série de operações de marketing nos anos 1940. Nenhuma criança nasce a gostar mais de uma cor ou de outra. Este é apenas um dos muitos estereótipos em que vamos insistindo. Desde pequenos que somos ensinados a ser femininos ou masculinos o que muitas vezes contraria a própria natureza de cada um. Chimamanda Ngozi Adiche expõe o paradigma da seguinte forma:

Passamos demasiado tiempo enseñando a las niñas a preocuparse por lo que piensen de ellas los chicos. Y, sin embargo, al revés no lo hacemos. No enseñamos a los niños a preocuparse por caer bien. Pasamos demasiado tiempo diciéndoles a las niñas que no pueden ser rabiosas ni agresivas ni duras, lo cual ya es malo de por sí, pero es que luego nos damos la vuelta y nos dedicamos a elogiar o a justificar a los hombres por las mismas razones. El mundo entero está lleno de artículos de revistas y de libros que les dicen a las mujeres qué tienen que hacer, cómo tienen que ser y cómo no tienen que ser si quieren atraer o complacer a los hombres. Hay muchas menos guías para enseñar a los hombres a complacer a las mujeres.

[...]

La forma en que criamos a nuestros hijos les hace un flaco favor. Reprimimos la humanidad de los niños. Definimos la masculinidad de una forma muy estrecha. La masculinidad es una jaula muy pequeña y dura en la que metemos a los niños.

Enseñamos a los niños a tener miedo al miedo, a la debilidad y a la vulnerabilidad. Les enseñamos a ocultar quiénes son realmente, porque tienen que ser, como se dice en Nigeria, hombres duros. (Adiche, s.d.)

Ao propor o mecanismo de troca de género das personagens faço-o com a intenção de questionar os papéis sociais de género e os estereótipos de género a que homens e mulheres estão sujeitos. Se uma personagem no masculino gosta de montar móveis, porque não poderá o seu espelho no feminino fazê-lo também?

### **1.3.2. MICRO-AGRESSÕES DE GÉNERO**

Entenda-se micro-agressões como breves interacções quotidianas que veiculam mensagens provocatórias e/ou hostis sobre indivíduos que pertencem a um determinado grupo. Geralmente

distinguem-se de outro tipo de agressões mais visíveis e deliberadas já que os agressores, na maior parte dos casos, não têm a intenção nem consciência de que estão a ofender. São insultos, ataques e manifestações subtis que repetem e reafirmam estereótipos e preconceitos, e que podem surgir na forma de actos, comentários insultuosos ou de invalidação dos pensamentos, sentimentos ou experiências do agredido. Elas perpetuam os estereótipos e desresponsabilizam o agressor que se encontra protegido pela uma capa do “socialmente aceite e estipulado”.

As micro-agressões de género surgem como mote para a criação de forma a expor as opressões mais invisíveis a que todos, homens e mulheres, estão sujeitos e nas quais todos participamos de uma forma ou de outra; de tão pequenas e comuns que são, raramente se fazem notar, tanto por vítimas como por agressores. Colocando-nos “Do Outro Lado” (trocando de lugar com o outro) torna-se um mecanismo para nos deixarmos afectar por elas e criar ou não empatia.

Existem nomes específicos para alguns tipos de micro-agressões de género que utilizamos neste projecto, a saber:

a) *Maninterrupting*

A palavra é uma junção de *man* (homem) e *interrupting* (e interrupção) Em tradução livre, *maninterrupting* significa “homens que interrompem”. Este é um comportamento muito comum em reuniões e palestras mistas, quando uma mulher não consegue concluir sua frase porque é constantemente interrompida pelos homens ao redor. (Think Olga, 2015)

b) *Bropriating*

O termo é uma junção de *bro* (curto para *brother*, irmão, mano) e *appropriating* (apropriação) e se refere a quando um homem se apropria da ideia de uma mulher e leva o crédito por ela em reuniões. Quando colocamos uma ideia, muitas vezes não somos ouvidas. E então, um homem assume a palavra, repete exatamente o que você disse e é aplaudido por isso. (Think Olga, 2015)

c) *Mansplaning*

O termo é uma junção de *man* (homem) e *explaining* (explicar). É quando um homem dedica seu tempo para explicar a uma mulher como o mundo é redondo, o céu é azul, e  $2+2=4$ . E fala didaticamente como se ela não fosse capaz de compreender, afinal é mulher. Mas o *mansplaning* também pode servir para um cara explicar como você está errada a respeito de algo sobre o qual você de fato está certa, ou apresentar 'fatos' variados e incorretos sobre algo que você conhece muito melhor que ele, só para demonstrar conhecimento. (Think Olga, 2015)



#### d) *Gaslighting*

*Gaslighting* é a violência emocional por meio de manipulação psicológica, que leva a mulher e todos ao seu redor acharem que ela enlouqueceu ou que é incapaz. É uma forma de fazer a mulher duvidar de seu senso de realidade, de suas próprias memórias, percepção, raciocínio e sanidade. Este comportamento afeta homens e mulheres, porém somos vítimas culturalmente mais fáceis. No dia a dia, aposto que vocês já ouviram alguma vez – ou várias: “Você está exagerando”; “Nossa, você é sensível demais”; “Para de surtar”; “Você está delirando”; “Cadê seu senso de humor?”; “Não aceita nem uma brincadeira?”; E o mais clássico: “você está louca”. (Think Olga, 2015)

### 1.4. ELEMENTOS RELATIVOS À CRIAÇÃO TEATRAL

Para a contextualização do projecto é importante apresentar alguns conceitos defendidos por mim enquanto profissional do teatro, relativamente à criação teatral.

O meu percurso profissional pauta-se por uma variedade de projectos, utilizando diversas técnicas e diferentes meios. Esse é, para mim, um dos grandes atractivos do trabalho de uma artista de teatro: estar constantemente a ser colocado perante novos desafios e novas aprendizagens. No entanto, há caminhos mais marcados que se vão traçando. A improvisação e o *devising* surgem como constantes no meu percurso. Fui descobrindo no *devised theatre* uma possibilidade de dar voz às minhas inquietações enquanto artista: como actriz posso oferecer o meu ponto de vista sobre o tema que o criador propôs; como encenadora posso criar colocando o teatro e as suas “ferramentas” ao serviço dos meus questionamentos confrontando-os com os dos restantes criadores. Esta descoberta prende-se em particular com o trabalho realizado na Musgo – Companhia de Teatro da qual faço parte e com quem escolhi fazer este projecto de investigação teatral.

#### 1.4.1. *DEVISED THEATRE*, UMA FERRAMENTA DE CRIAÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO

Entendo *Devising Theatre* como uma forma de criação teatral que se caracteriza por utilizar como ponto de partida para a criação estímulos diversos, tais como uma ideia ou questionamento, uma obra artística (que até poderá ser um texto dramático), um facto concreto

da actualidade, entre outros. O processo de criação assenta grandemente na improvisação, bem como na discussão, análise e questionamento das formas experimentadas, abrindo possibilidades a diferentes formas de expressão teatral. É ainda um processo colectivo em que todos os envolvidos participam activamente na criação. A obra de Joan Littlewood (Holdsworth, 2006), precursora do *Devising Theatre*, foi basilar na concepção deste projecto.

Para Littlewood, o processo criativo envolve risco, jogo e possibilidades, para depois se poder tomar decisões. A improvisação é uma forma de criar as condições para a criação teatral, como um processo de exploração de pensamento pelo corpo que permite aos actores serem originais, intuitivos e verdadeiros em ensaio e em palco. As improvisações podem ter vários objectivos em ensaio: criar a fisicalidade e atitude das personagens, procurar o foco ou o ambiente de cada cena, criar texto, procurar um estilo para a peça. A improvisação também permite captar e recriar a teatralidade das interacções do dia a dia e criar texto de forma orgânica para toda a equipa. (Holdsworth, 2006)

Considero ainda que trabalhar em grupo é uma forma de permitir uma ideia ir mais além. Se ficarmos fechados no nosso próprio pensamento, perdemos um cem número de possibilidades. Também Littlewood, considerava o teatro um organismo vivo criado por um grupo, através da experimentação colectiva e da partilha criativa entre os *performers* e o público. (Holdsworth, 2006) Trabalhar com um colectivo de actores-criadores foi para mim uma mais-valia neste processo, pois pude contar com os seus contributos e com diferentes perspectivas sobre o assunto, não me confinando a ideias por mim pré-concebidas. Isto tornou o trabalho mais rico pois levantaram-se questões para além do que eu conseguiria colocar sozinha e questionar-me a mim também.

A criação de um objecto artístico em *Devising* permite ainda a criação original, com texto original e com um pensamento contemporâneo pertinente, mais aproximado da realidade, e para um público contemporâneo, já que parte da experiência e observação dos participantes.

Para estruturar o trabalho prático encontrei alguns fundamentos práticos em Bogart e Landau (2005). Estas criadoras sugerem que um processo de criação e investigação em *Devised Theatre* deve estar assente em três componentes básicos:

In the creation of original work, it is helpful for the process to be grounded in three basic components: the question; the anchor; the structure. The *question* (or theme) motivates the entire process. This central driving force should be big enough, interesting enough and relevant enough to be attractive

and contagious to many people. The question emerges from personal interest and then spreads like a virus to other people who come in contact with it.

The *anchor* is a person (or event) that can serve as a vehicle to get to the question.

The *structure* is the skeleton upon which the event hangs. It is a way to organize time, information, text and imagery. (Bogart & Landau, 2005, p.154)

O meu trabalho começa com um tema, um questionamento sobre a diferenciação de géneros na prática teatral. O processo de *devising* foi basilar na procura da âncora e estrutura do espectáculo como veremos no segundo capítulo.

#### **1.4.2. DEvised THEATRE COMO FORMA DE QUESTIONAMENTO DO PODER PATRIARCAL INSTITUÍDO**

Desde cedo os processos de *Devising Theatre* foram utilizados por criadoras para fazer teatro sem recorrer aos textos já escritos com foco no poder patriarcal:

Devised theatre offers the performer the chance to explore and express personal politics or beliefs in the formation and shaping of the piece. This is illustrated by some women performers who feel confined by female stereotypes produced by male playwrights, and wish to experiment with creating roles that reflect their own experiences as women. (Oddey, 1991, p11).

O *Devising* é na sua origem uma forma de criação teatral que questiona o poder patriarcal instituído; só isso, o torna uma boa metodologia para explorar todas as minhas questões. Na prática, na experimentação e na liberdade do desconhecido propus-me a pesquisar e ensaiar hipóteses.

#### **1.4.3. MUSGO-COMPANHIA TEATRAL**

Para este projecto de criação e investigação pude contar com o apoio da Musgo – Companhia Teatral, e dos seus actores. Esta companhia, da qual faço parte, cria projectos de *Devised Theatre* desde 2011. “Têm apostado em criar peças com texto original desenvolvido ao longo

do processo de criação, num diálogo criativo íntimo entre todos os elementos da equipa.”  
(musgocompanhia.wordpress.com)

Escolhi trabalhar com um grupo de actores com quem trabalho regularmente, e cujos currículos envolvem vários trabalhos em processos de improvisação e *devising*, o que lhes confere características de versatilidade, capacidade de dar resposta aos desafios propostos e capacidade de dar um *feedback* claro e informado sobre o trabalho desenvolvido. Só com um trabalho verdadeiramente colaborativo foi possível criar um espectáculo interessante e coerente e ao mesmo tempo realizar a pesquisa a que me propus. Era também importante para mim trabalhar com este grupo já que existe uma linguagem comum, formas aproximadas de compreender a criação e o humor.

A determinada altura do processo, foi necessário substituir um dos participantes por um actor que nunca tinha trabalhado com o Musgo, o que acabou por valorizar o trabalho visto que tinha outras qualidades e abordagens à criação que não estavam contaminadas pela nossa forma de trabalhar.

#### **1.4.4. CRIAÇÃO DE PERSONAGEM**

“Do outro lado” é um espectáculo que vive das suas personagens: a quase ausência de elementos cenográficos, de figurinos ou de desenho de luz coloca-as no centro do espectáculo. Elas são também o cerne do trabalho de pesquisa a que me propus, pelo que é essencial perceber o que entendo por criação de personagem.

No teatro a personagem surge com o actor; é o seu trabalho corporal e vocal que lhe dá vida. A criação de uma personagem é um trabalho de grande complexidade: criar a ilusão de uma pessoa, criar uma identidade que se assemelhe a um ser humano, é uma tarefa cheia de *nuances* e com muitas formas de se fazer. As abordagens ao que é a personagem, como se chega à personagem, de que forma a personagem serve o espectáculo, entre outras questões, são muito diversificadas. Vários criadores exploraram o assunto com visões muito diferentes de acordo também com as suas perspectivas sobre a criação e a arte.

Grotowski (1933 – 1999) por exemplo, cria o conceito de não-personagem. Ele desafia os actores a despirem-se de máscaras e a mostrarem-se a eles próprios em cena, mostrando a

verdade sempre protegidos pela encenação. Eles representavam-se a si próprios embora a encenação fizesse com que o público os visse como personagens. (Slowiak & Cuesta, 2007) Considero que, de alguma forma, quando criamos personagens num processo de *devising* estamos a fazer uma recriação de nós, ou uma recriação de um pensamento que é nosso, somos nós de alguma forma. Não são só as nossas emoções, ou as nossas memórias que estão em cena, mas é uma parte de nós que utilizamos.

Por outro lado, Brecht (1898 – 1956) distancia o actor da personagem. O actor não sente a personagem, ele mostra a personagem. “The aim of the technique, known as the alienation effect, was to make the spectator adopt an attitude of inquiry and criticism in his approach to the incident.” (Huxley & Witts, 2002, p.93)

A teoria da supermarionete de Craig (1872 – 1966) questiona a presença do ator, do corpo como matéria artística.

Do away with the actor, and you do away with the means by which a debased stage-realism is produced and flourishes. No longer would there be a living figure to confuse us into connecting actuality and art; no longer a living figure in which the weakness and tremors of the flesh were perceptible. (Huxley & Witts, 2002, p.159)

O actor é visto por ele como uma marionete, uma figura feita “á imagem de Deus” que não tinha necessidade de fios e manipulação para expressarem algo; é a relação com o sagrado. A supermarionete, sendo um corpo não humano fica esvaziado de vaidades e emoções, sendo assim, livre para poder estar dentro da arte da encenação.

Artaud (1896 – 1948), considera o actor um atleta do coração, ou seja, os sentimentos têm localização específica no corpo físico: uma musculatura afetiva; rejeita a racionalidade e a psicologia procurando um regresso ao ritual primitivo e mágico, muitas vezes fora da consciência. (Artaud, 1963)

É, no entanto, no trabalho de Constantin Stanislavski (1863-1938) que encontro referências mais aproximadas àquilo que entendo como personagem e criação de personagem, dada a minha formação e a minha vontade de alargar o espectro de possibilidades.

Stanislavski, dedicou uma boa parte do seu trabalho na procura de um sistema que facilitasse o trabalho do actor e a construção de personagens. O que ele procurava, era um conjunto de

técnicas, de ferramentas que pudessem ser utilizadas pelo actor para dar maior veracidade a cada personagem. O que Stanislavski traz de inovador para o trabalho é a procura da vida interior da personagem, a procura da sua psicologia (em oposição a Brecht), mesmo sem o saber. Ele procurava compreender a personagem, as suas motivações, os seus objectivos, a sua história. Para mim isso constitui a sua identidade.

Uma personagem tem uma identidade, uma história, qualidades físicas e psicológicas específicas e diferenciadoras, traços distintivos; mas ela não é de carne e osso, no teatro ela nasce da ilusão criada pelo actor que lhe dá corpo, voz e expressão. A personagem está ao serviço de uma história e de uma dramaturgia. Em cena vemos a personagem agir e reagir de forma mais ou menos coerente a determinadas situações. A sua identidade é independente do actor que a interpreta: ela é flexível de acordo com o actor que a interpreta e com a dramaturgia do espectáculo. São identidades que nos parecem verosímeis e cujas relações entre si parecem verosímeis dentro de um determinado contexto.

Mas o seu trabalho não se fica pelo interior, a personagem tem traços exteriores, movimentos, posturas, gestos, voz, entoações que devem ser trabalhadas de forma a encontrar essa identidade, ou ir de encontro a essa identidade, ou seja, o corpo e o movimento têm um papel fundamental na ligação com o subconsciente e o inconsciente.”The external characterization explains and illustrates and thereby conveys to your spectators the inner pattern of the part.” (Stanislavski, 1989, p.1) Quando criamos uma personagem “de raiz” (por oposição ao trabalho realizado a partir de um texto já escrito) a sua vida interior e a caracterização exterior constroem-se em simultâneo e contagiam-se.

Stanislavsky também procura a utilização das memórias afectivas do actor para a criação da personagem, no entanto ele próprio indica que é um trabalho a realizar com cautela. Num trabalho como este em que utilizamos a agressão (ainda que micro) como tema, é necessário gerir de forma cuidadosa as memórias e as emoções dos actores, penso até que é importante que cada um tenha presente o que sente e a capacidade de se desligar desse sentimento: é a personagem que reage em cena e não o actor; é necessário compreender e ter presente a cada momento qual o objectivo do espectáculo.

Será necessário clarificar que não foi apenas a partir dos ensinamentos de Stanislavski que me baseei para criar as personagens, mas esta ideia de identidade é fundamental; assim como a ideia de que os traços físicos e psicológicos estão ligados.

Stanislavski faz também uma distinção clara entre personagens-tipo e não-tipo. Segundo ele, é possível representar em palco uma personagem em termos genéricos através de maneirismos e tipos de comportamento: por exemplo, o militar que mantém a sua postura, que marcha em vez de andar, que grita ordens em vez de falar; ou o mendigo que cospe para o chão, bebe álcool e diz palavrões. Estes são clichês que pretendem representar uma personagem e que realmente existem na vida real, mas eles não contêm em si a essência da personagem, a individualidade, a identidade. Mas podemos dar um passo nessa direcção se por exemplo caracterizarmos o militar como um guarda ou como um oficial, algo no comportamento será diferenciado. Podemos ir mais longe ainda se esse militar tiver um nome, e uma história que lhe dá outras características distintivas: será este João um homem do campo ou da cidade? Estudou? É casado? O que faz nos tempos livres? Porque se tornou militar? Será que gosta de armas? E a partir dessas respostas criamos objectivos para o militar dentro da história, emoções, sentimentos, atitudes, comportamentos que se reflectem nas acções e nos gestos e vemos a humanidade da personagem. São essas camadas que qualquer ser humano tem que dão vida e tridimensionalidade à personagem. (Stanislavski, 1989, p.24 a 27)

O que me interessa no trabalho de Stanislavski não é o método que ele próprio considera apenas uma referência e não um sistema fechado; também não é o processo como se chega à personagem; e sim o conceito de personagem como identidade que cumpre uma função dentro da dramaturgia.

Stanislavski também dizia que cada actor deveria procura o seu próprio sistema, as suas próprias ferramentas e para mim isso é muito interessante de observar. O trabalho dos quatro actores do projecto “Do outro lado” é muito diferente, e usando diferentes ferramentas de acordo com as suas experiências académicas e profissionais chegam a resultados diferentes, mas que no conjunto resultam: cada um deles construiu personagens com identidade e mesmo aquelas que podem ser consideradas personagens-tipo, cumprem uma função como veremos no segundo capítulo.

No *devising* há lugar para fundir todas as anteriores perspectivas e até outras. O exemplo é o próprio Musgo cuja prática criativa é plural e ecléctica, mas sempre na procura de uma “verdade da personagem” que se encontra na criação de identidades verosímeis, em cujas acções o público se possa identificar ou que possa reconhecer.

## 2. PROJECTO: “DO OUTRO LADO”

### 2.1. METODOLOGIA APLICADA NO PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO

O espectáculo “Do outro lado” é o resultado de um projecto de investigação em arte que procura alternativas a modelos culturais ultrapassados, assentes em visões patriarcais. Esta investigação guiada pela prática procura reflectir sobre a influência dos conceitos de masculino e feminino na criação de personagens dentro de uma criação artística específica; procura ainda novas formas de entender o feminino e o masculino na criação de personagens. É, portanto, uma investigação interdisciplinar. “A investigação em arte pode providenciar um lugar para confrontos e combinações inesperados, criando assim novas possibilidades de compreensão.” (Arlander, 2016, p.4) O campo de estudo é a criação do espectáculo. Os exercícios de improvisação foram desenhados para a criação e para a investigação. Entende-se assim o *devising* como metodologia para a investigação e para a criação. O feedback dos actores após cada exercício foi essencial, assim como a minha observação.

O processo de criação e pesquisa desenvolveu-se em duas fases.

Numa primeira fase (com vinte e uma sessões de cerca de três horas cada), o trabalho focou-se na exploração de diversos materiais relacionados com a temática abordada que expus no primeiro capítulo, e na criação de personagens e contexto da peça através de exercícios e improvisações. Para tal foi criado um esquema de trabalho baseado em três alíneas:

- a) exercícios centrados na criação de personagens: construção de uma identidade através de exercícios individuais e de grupo;
- b) exercícios centrados na criação de relação entre as personagens: improvisações em situação de trabalho e em situação de encontro social;
- c) exercícios centrados nos conceitos de feminino e masculino e de papéis sociais e estereótipos de género. Estes exercícios foram desenhados apenas para que tivéssemos um melhor entendimento da temática e não com o objectivo de fazerem parte do espectáculo.

No entanto, o objectivo de cada um dos exercícios das diferentes alíneas não é seu exclusivo. Os exercícios são complementares e os objectivos não são estanques.



Durante o decorrer da primeira fase cada sessão, ou bloco de sessões integrou exercícios das três alíneas. Falo em blocos pois os actores não estavam todos presentes em todas as sessões, o que fez com que fosse necessário realizar os mesmos exercícios com os diferentes actores em diferentes sessões.

É importante apontar que durante esta primeira fase nenhum dos actores-criadores soube que numa segunda fase iriam ser propostos uma série de exercícios de troca de personagem. Era essencial para a investigação que os actores pudessem criar as suas personagens de forma isenta.

A segunda fase (com trinta e três sessões) teve como principais objectivos a experimentação de trocas de personagens com ou sem troca de género da mesma; a composição da estrutura do espectáculo; a criação de um espectáculo com coerência dramática que permitisse dar visibilidade à pesquisa.

Esta fase começou a partir do momento em que os actores tinham uma imagem clara de quem eram as personagens da história. Nesse momento revelei-lhes o teor da pesquisa e demos início a uma nova fase de experimentação, mas também de continuidade de criação do espectáculo que ainda estava longe de estar concluído. Fizemos uma lista de características e histórias relevantes das personagens que já conhecíamos e ainda as possibilidades de relações entre eles, (cf. anexo A) e estas características foram sendo desenvolvidas ao longo de todo o processo. Também os exercícios de troca foram ajudando a revelar a identidade de cada um, ao mesmo tempo que se foi clarificando o contexto da peça.

Para que a pesquisa pudesse estar presente no espectáculo final, os exercícios de experimentação das trocas foram sendo realizados já com as cenas que viriam a constituir o espectáculo e de que falarei adiante.

## **2.2. PONTO(S) DE PARTIDA**

O primeiro passo do processo foi dar a conhecer ao grupo a temática do trabalho, mostrando-lhes alguns materiais e abrindo um momento de debate sobre o assunto, na primeira sessão de trabalho. Dentro da temática das questões de género abordámos os temas assinalados anteriormente: feminino versus masculino; papéis sociais de género e estereótipos de género; micro-agressões de género. Estes foram os pontos de partida para a criação do espectáculo.

Comecei por lhes apresentar o conceito de micro-agressões e dei alguns exemplos através de alguns vídeos e artigos (cf. Bibliografia - Outras referências); fizemos um levantamento de situações pessoais em que os actores reconhecem ser ou ter sido vítimas ou agressores; e houve ainda um tempo de conversa sobre o que são os estereótipos de género e a diferenciação de género.

Embora todo o grupo estivesse de acordo que existe diferenciação de géneros, e todos tenham conseguido identificar situações em que foram vítimas ou agressores, as visões sobre a temática revelaram algumas *nuanças*, como veremos a seguir. Essas pequenas divergências de opinião trouxeram riqueza ao trabalho: elas revelaram-se não só nas discussões ao longo do processo, mas também se tornaram inerentes à construção de cada personagem.

Nesta conversa inicial senti, por exemplo, que alguns dos elementos demonstravam alguma resistência em relação à ideia de que o género é socialmente construído que era contraposto com a questão da biologia como argumento para a diferença, nomeadamente as diferenças hormonais como motivadoras de diferenças de género. Importa saber que não me oponho à ideia de que existem diferenças biológicas entre homens e mulheres e que condicionam a nossa identidade de género (por aceitação, por negação, por oposição, por indiferença...) e o nosso comportamento, mas apoio-me na ideia de que muitos comportamentos que são tidos como masculinos ou femininos têm por base a educação, no que é culturalmente aceite. Não há qualquer justificação biológica para que as mulheres sejam mais prendadas na lida da casa do que os homens, este é apenas um dos muitos comportamentos apreendidos. No seu livro “Querida ÿeawele - como educar para o feminismo”, livro em que revejo muitos dos meus pontos de vista (se não todos mesmo), Chimamanda Ngozi Adiche escreve em forma de carta para a sua amiga, dizendo o seguinte:

Recentemente, tem havido debates nas redes sociais nigerianas sobre as mulheres e a cozinha, sobre como as mulheres têm de cozinhar para os seus maridos. É engraçado, daquela maneira como as coisas tristes são engraçadas, que ainda estejamos a falar sobre cozinhar como alguma espécie de teste de aptidão das mulheres para o casamento.

Saber cozinhar não vem pré-instalado nas vaginas. Cozinhar é algo que se aprende. Cozinhar – as tarefas domésticas em geral – é uma competência da vida que tanto os homens como as mulheres idealmente deveriam ter. É também uma competência que tanto homens como mulheres podem não ser capazes de adquirir. (Adiche, 2017, p. 25)

Por outro lado, e em contraponto ao argumento biológico do género, durante o levantamento das situações pessoais um dos elementos colocou em evidência que este tipo de situações, em particular aquelas relativas à vida de casal, não são exclusivas de nenhum género já que em casais homossexuais se identificam as mesmas situações. No entanto, estas diferenças foram matéria de interesse na troca de personagens como veremos mais adiante.

Propus-lhes ainda uma questão: O que é o masculino e o feminino para ti? Manifestaram sentir dificuldade em responder à pergunta sem sentirem que estavam a ser preconceituosos. As respostas eram dadas com muitas reticências e com utilização de muitos adjectivos e generalizações o que me aponta na direcção de que não há uma resposta concreta; o feminino e o masculino são conceitos que se entendem mais como linhas que nos orientam numa direcção ou noutra, são atributos, qualidades socialmente aceites, mas não inerentes a um género específico. Mais uma vez cito Adiche:

Os papéis próprios de cada género estão tão profundamente condicionados em nós que frequentemente os seguimos mesmo quando vão contra os nossos verdadeiros desejos, as nossas necessidades, a nossa felicidade. É muito difícil desaprendê-los, e por isso é importante tentares assegurar-te de que a Chizalum os rejeita desde o início. (Adiche, 2017, p.31)

Por outro lado, uma das respostas incluía uma visão de feminino e masculino como complementares, dois polos de uma mesma coisa: Yin e Yang. Procurei saber um pouco mais sobre os conceitos de Yin e Yang (da tradição filosófica taoista) que pressupõem dois opostos: feminino – princípio passivo, reacção, nocturno, escuro, lua; masculino – princípio activo, acção, diurno, luminosos, sol. A filosofia taoista faz esta distinção sem juízos de valor. Mas segundo a cultura judaico-cristã (da qual as culturas ocidentais são herdeiras), e segundo o nosso padrão cultural, há um julgamento: há uma visão de um lado positivo e outro negativo, não de complementaridade, mas de hierarquia ou de relação de poder. Esta relação é muito interessante para o projecto pois as micro-agressões, embora mais frequentemente realizadas por homens sobre mulheres, também existem no contexto masculino, curiosamente têm como foco a presença de características femininas nos homens que é tida como fraqueza, por exemplo mostrar emoções em público ou usar cor-de-rosa (cf. AXE, 2017).

De qualquer forma o debate não ficou por esta primeira sessão. A temática entranhou-se na pele da equipa e todos os dias os actores surgiam com novas histórias e novas reflexões sobre o assunto que engrossavam a nossa lista de possibilidades cénicas.

## 2.2.1. EXPLORANDO OS TEMAS

### PAPÉIS SOCIAIS DE GÉNERO E ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO

Para explorar um pouco este tema foram desenhados alguns exercícios e improvisações na alínea c). O objectivo destes exercícios era apenas a exploração do tema, uma forma de trazer à superfície da criação todos os estereótipos de género com que nos deparamos quer nas nossas vidas pessoais quer por observação do quotidiano.

Nestes exercícios exploramos todo o tipo de preconceito. Por exemplo, desenhei uma série de exercícios que consistiam em improvisações curtas individuais ou em pares de actores do mesmo sexo. Os actores podiam improvisar em personagem ou sendo eles mesmos. As improvisações tinham como mecanismo a realização de vídeo-blogs com os seguintes títulos: “Cinco dicas para ser um verdadeiro/a homem/mulher dos dias de hoje” e “Os/as homens/mulheres são todos/as iguais”. Foram realizados de acordo com o sexo do actor-criador e para o sexo oposto.

Uma das atrizes observou que numa improvisação deste tipo havia tendência para pegar de imediato nas coisas mais óbvias e fazer o estereótipo da “gaja burra”. Um dos actores procurou o absurdo na tentativa de contrariar o preconceito. Entendo que isto aconteceu porque procuraram dar um ponto de vista cómico. Apenas um dos actores optou por responder com sinceridade o que o fez realmente pensar sobre a premissa do exercício e sobre o seu próprio ponto de vista sobre o assunto.

De uma forma ou de outra colocou-se mais uma vez em evidência a diferenciação entre sexo e género e os estereótipos que também se vão adaptando com a mudança dos tempos. Por exemplo, uma das dicas comuns a todas estas improvisações é que homens e mulheres de hoje têm de cuidar do seu aspecto físico. Já não há paciência para o típico “macho latino a cheirar a sovaco e com a pele queimada com o recorte da manga caveada por excesso de exposição solar”: um creme e um desodorizante fazem bem a todos!

Nas primeiras improvisações em contexto de trabalho criei uma improvisação a que dei o título: “O novo chefe”. Todos os actores-criadores passaram por esse papel enfrentando os seus novos subordinados. As chefias/ personagens eram bastante diferentes e com estratégias diferenciadas, mas claramente as mulheres tiveram mais dificuldade, segundo as atrizes: sentiram maior necessidade de se impor e de levantar a voz, resistência por parte dos

subordinados e obrigação em defender o seu trabalho mesmo apesar de toda a determinação, pragmatismo e confiança e/ ou agressividade das chefes. Os homens tendiam para uma chefia mais descontráida, uns “tipos porreiros” e mesmo sem perceberem nada do assunto que estavam a chefiar, todos confiavam neles e os conflitos passaram a acontecer entre os trabalhadores. Conto este episódio pois achei curiosos que até numa improvisação (uma ficção) e com a presença do tema, se sentem estas diferenças e os actores-criadores são conduzidos pelas suas heranças culturais sem delas tomarem consciência no momento.

## MICRO-AGRESSÕES DE GÉNERO

Durante a primeira fase foi pedido que procurassem utilizar as micro-agressões em várias improvisações, em particular nos exercícios da alínea b). O mais difícil foi manter as agressões “micro” e doseá-las o suficiente para que as personagens se pudessem relacionar. Nos tempos que correm já é difícil para uma mulher aceitar alguns abusos. Para uma das actrizes ficou claro que trabalhar com um par, seja em casal ou com um parceiro de trabalho, era uma forma de ter um aliado a quem podia pedir ajuda no caso das agressões serem demasiado fortes. No momento de fixar as relações entre as personagens, essa observação mostrou-se relevante; fizeram-se algumas improvisações relacionando algumas personagens de diferentes formas e optamos por ter um casal de namorados e uma dupla de colegas de trabalho. Esta era a configuração que melhor servia o desenvolvimento do tema já que pretendia focar-me nas relações pessoais e nas relações laborais.

Nesta fase notámos que quando as personagens exageravam nas tentativas de micro-agredir as outras personagens, tornavam-se demasiado agressivas até mesmo para os actores e actrizes: eles sentiram-se pessoalmente afectados, violentados com os estereótipos e gerou alguma ansiedade; ao colocarem-se no papel de estereótipos sentiram-se a reduzir as personagens e a generalizar. As micro-agressões têm esse nome porque são quase imperceptíveis, muitas vezes vêm acompanhadas de um sorriso ou de um gesto carinhoso. Muitas vezes o agressor nem nota que o está a ser e por vezes surgem até como elogios ou como gracinhas.

A determinado momento sentimos que todas as agressões eram feitas pelos homens sendo que as vítimas eram as mulheres. Foi na altura que se deu a troca do actor que começamos a focar mais nos homens e chegamos às seguintes micro-agressões (por testemunho dos actores): dizer

que os homens são insensíveis (aos sentimentos das mulheres, por ex.); o toque, os beijos e abraços (sem haver o julgamento de “quer comer a gaja” - esta agressão parte de homens e mulheres); os homens têm sempre de resolver todos os problemas (“agora és o homem da família”); a roupa: “Esse modelo, tem para homens?”

## FEMININO VERSUS MASCULINO

A questão linguística é condicionadora do processo criativo, senão vejamos: num exercício em que era pedido aos actores que reagissem a um acontecimento crítico (como um bebé abandonado, um cão atropelado ou duas pessoas “à porrada”) escolhendo se reagiam como homem ou mulher, os atores sentiam que estavam a fazer bonecos quando propunham uma personagem do sexo oposto, portanto representavam um estereótipo. Mas quando falamos em reagir de forma feminina ou masculina o exercício mudou. Já não tinham que ser do sexo oposto, mas podiam utilizar comportamentos que eles próprios atribuíam a um género ou a outro. E também isso tem espaço para interpretação. Uma das atrizes que interpretava uma das personagens “à porrada” com outro actor, sentiu que a própria experiência a levava a representar uma personagem mais masculina, a que chamou de “guna”, alguém de um contexto sociocultural mais desfavorecido e apontou que o meio em que crescemos também tem influência no ser mais ou menos feminino ou masculino. Na minha opinião podemos considerar outro ponto de vista: “andar à porrada” é considerado um comportamento mais masculino, mas as mulheres sempre se “engalfinham”. Sim, é essa a palavra mais usada já que as mulheres, por terem menos massa corporal utilizam outros meios e estratégias na luta física. Mas uma mulher deixa de ser feminina por “andar à porrada”? Talvez aquele comportamento não seja muito comum nas mulheres, mas isso não a descaracteriza da sua feminilidade. Naquele momento talvez não seja um exemplo do feminino mais puro, mas quem o será a tempo inteiro? Já o comportamento em si é atribuído ao género masculino por ser mais presente nos homens do que nas mulheres. Para mim, é o comportamento e não a pessoa que é feminina e/ou masculina.

## **2.3. ANÁLISE DO ESPECTÁCULO “DO OUTRO LADO” - CENA A CENA**

O espectáculo “Do outro lado” é bastante revelador da pesquisa realizada, pelo que proponho aqui uma análise cena a cena para desvendar alguns pontos fundamentais da investigação.

A estrutura da peça surgiu numa sessão a meio do processo em conversa com os actores, numa altura em que já tínhamos encontrado a âncora do espectáculo, uma história que permitia desenvolver a temática: a história de quatro personagens que se encontram para desenvolver conceitos inovadores para a inauguração de uma nova loja de portugalidades.

Era fundamental que a pesquisa se revelasse gradualmente durante a peça. Primeiro uma cena introdutória do contexto e das personagens, depois os monólogos com um *background* coreográfico partindo dos gestos e movimentos de cada personagens, uma terceira cena em que surgem personagens representadas por actores de sexo/género diferente, um quarto momento para a preparação do jantar que permite a troca de género das personagens e uma cena final com as personagens trocadas.

Para chegar ao espectáculo final fomos fazendo improvisações à volta de determinados contextos, que me levaram à criação de uma tabela de situações e acontecimentos (cf. anexo B) que gostaria de ter presentes em cena, que conduziram à escrita de guiões cada vez mais elaborados até surgir o texto final (cf. anexo C).

Para melhor entendimento dos exemplos dados durante a análise das cenas será necessário confrontar a gravação vídeo do espectáculo em anexo. Por questões técnicas o vídeo divide-se em duas partes a que me refiro como vídeo1 e vídeo2.

### **2.3.1. PRELÚDIO – NO ESCURO**

O espectáculo começa de luz apagada. Ouvimos as vozes atrás do público. Desta forma a entrada do espaço físico da sala de espectáculos associa-se à entrada do espaço ficcionado da loja. É como se o público também estivesse dentro do espaço, à espera, no escuro.

Quando a luz acende, abrimos os olhos com as personagens e vemos o espaço vazio da cena que é também o espaço vazio da loja. Este espaço vazio permite, nas cenas seguintes, trabalhar apenas com alguns elementos simbólicos para criar todo o imaginário cenográfico: a loja pronta é representada pela rede de pesca; a casa de Becas e do seu companheiro Gabi tem apenas quatro cadeiras e uma mesa de jantar com uma toalha de Galos de Barcelos colocada por Gabi que passa toda a peça a insistir que Becas devia vendê-los na sua loja; e as cadeiras para os espaços indefinidos dos monólogos.

Neste prelúdio ficamos apenas a saber algumas informações sobre três das personagens, Becas, Rafa e João, e sobre o contexto: vamos entrar numa loja onde vão iniciar um novo projecto.

### 2.3.2. CENA 1 – O ESPAÇO DA LOJA



#### 1. Cena1| Becas – “Galos de Barcelos não vamos ter.”

Esta cena introduz o contexto da história, a âncora do espectáculo: Becas vai abrir um novo espaço dando continuidade ao seu projecto anterior “Sardinhas e coisas”. Para tal contrata uma equipa de criativos para a ajudarem: Rafa e João.



O objectivo primário da construção desta cena era focar nas micro-agressões de género dentro do local de trabalho.

Esta cena está dividida em duas partes: numa primeira parte Becas lança uma série de ideias e conceitos que pretende ver desenvolvidos no seu novo projecto. Vemos acontecer algumas pequenas micro-agressões quando João interrompe o discurso de Becas e Rafa com indagações sobre o chão de madeira (cf. vídeo1, 2'), a experimentação da acústica do jardim (cf. vídeo1, 6'11), ou as referências ao cheiro a côco de Becas (cf. vídeo1, 3') que desvia a conversa de trabalho para uma observação sobre o aspecto físico de Becas e ainda os primeiros indícios de *Broprianting* com a colega; note-se que ele não tem uma única ideia original durante toda a cena, repetindo apenas o que as outras duas dizem e mais tarde vai assumir as ideias como suas.

Mas é quando chega Gabi, o namorado de Becas, que as micro-agressões aumentam. Gabi é um namorado atencioso e muito prestável. No entanto, ele chega para questionar e desvalorizar as ideias de Becas como por exemplo a ideia de construir um armazém em vez de um jardim (cf. vídeo1, 8'05) ou de vender Galos de Barcelos na loja contra a vontade de Becas (cf. vídeo1, 9'35). Temos um exemplo de *mansplaning* quando Gabi tenta explicar a Becas porque é que o sistema de absorção que ela escolheu e estudou não vai funcionar (cf. vídeo1, 8'50). Estas micro-agressões são ainda adensadas com frases como “Tu é que sabes.” ou “A loja é dela.” que parecem ser um apoio à namorada, mas que deixam clara a discordância (cf. vídeo1, 8'28).

Gabi e João criam ainda uma relação de proximidade desde o momento em que se conhecem que faz com que este dirija as perguntas sobre as coisas práticas para Gabi e não para Becas, descreditando a mulher como chefe (cf. vídeo1, 8'30; 8'56).

## A TROCA DE PERSONAGENS SEM TROCA DE GÉNERO

As primeiras experiências de troca de personagem sem troca de género foram realizadas com um guião da primeira cena já alinhavado. Para não criar dificuldades acrescidas, as trocas foram sempre realizadas entre os mesmos pares: Becas/Gabi e João/Rafa.

Pedi aos actores para trocarem as personagens mantendo o género das mesmas. Na primeira experiência dei-lhes liberdade para o fazerem da forma que entendessem. Observei em primeiro lugar que os actores davam uma perspectiva muito exagerada de algumas características das

personagens que estavam a agora a representar, e isso tornava algumas das micro-agressões mais explícitas e mais claras. Por exemplo, na troca entre os dois colegas (João e Rafa) a actriz era muito mais visível a interromper os colegas com perguntas inconvenientes. Este tipo de reacção mais presente, segundo a actriz, deve-se ao facto de ela própria ter estado tantas vezes do lado da vítima que é assim que percebe estas micro-agressões quando está do lado do agressor. Por outro lado, o exagero causava alterações nas personagens, por exemplo: a Becas que nunca se irritava e que era muito assertiva era agora uma personagem mais mimada e insegura.

Nas improvisações seguintes as trocas fizeram-se escolhendo apenas uma ou duas das características de cada personagem, escolhida pelos actores, com o objectivo de não representassem uma ideia pré-concebida da personagem, ou seja, que não se deixassem contagiar pelos seus próprios julgamentos. Isso permitiu que aos poucos se conseguissem organizar melhor nas improvisações e que se focassem nas acções e nas personagens.

### 2.3.3. CENA 2 – MONÓLOGOS



2. Cena 2| Gabi – “Come to the dark side of Cócórócó.”

Curiosamente é também na criação destes monólogos que começam a surgir os primeiros apontamentos do que viriam a ser as quatro personagens principais. Becas, o motor da situação, foi a primeira personagem a desenhar-se e tal como acontece no espectáculo, foi a partir desta personagem e da sua história que se construiu o guião, as situações e as relações. Gabi surge como o companheiro de Becas o que nos permitiu desenvolver a temática num contexto mais privado do casal. João e Rafa são uma dupla de criativos que é contratada para trabalhar o conceito da loja. João é relaxado, “fuma umas ganzas” de vez em quando; essa qualidade permite-lhe agredir os outros defendendo-se nesse relaxamento. Rafa é mais focada, misteriosa e emotiva.

Neste processo, foi particularmente interessante perceber que dos quatro actores-criadores, um actor masculino utilizou características normalmente atribuídas ao masculino e o outro utilizou na sua criação atributos normalmente caracterizados como femininos; o mesmo aconteceu com as atrizes: uma criou uma personagem bastante feminina e a outra utilizou atributos ou histórias caracteristicamente masculinas. Por exemplo: a personagem masculina A gosta de futebol, e desporto ao contrário da personagem masculina B (cf. vídeo1, 38'10) que aprendeu a fazer croché e brincava com bonecas quando era pequeno (cf. vídeo1, 12'58). Já a personagem feminina C gosta de andar bem composta como a avó lhe ensinou (cf. vídeo, 11'), enquanto a personagem feminina D adora a adrenalina e aprendeu coisas de electricidade com o padrinho (cf. vídeo1, 19'27).

Neste sentido, quando foi necessário trocar de actor foi pedido ao actor substituto que ao construir a sua personagem mantivesse a linha seguida pelo primeiro actor, ou seja, que a sua personagem mantivesse traços caracteristicamente masculinos (sem obrigatoriedade de pegar no material criado pelo outro actor). Assim sendo a nova personagem, também gosta de futebol, de cerveja artesanal e aprendeu sobre carros com o tio favorito (cf. vídeo1, 16').

A composição coreográfica surge de um exercício de reprodução da fisicalidade e de voz das personagens com todos os actores a que chamei de “Sombras”, que tinha como principal objectivo a pesquisa da troca de personagem sem troca de género. Fomos descobrindo características físicas das próprias personagens que nos foram ajudando a caracterizar cada uma. Também para o próprio actor que tinha criado a personagem foi um exercício de descoberta: algumas posturas ou gestos criados anteriormente tornaram-se mais evidentes e foram sendo integrados de forma mais coerente na personagem. Mais tarde, os actores puderam utilizar o material aqui descoberto na troca de género das personagens. Ao mesmo tempo fomos

percebendo a dificuldade e o cómico de algumas imitações num corpo de sexo diferente. Alguns movimentos eram muito difíceis de executar. Por exemplo, a forma de Rafa se sentar quebrando a anca era muito complicada para os homens. Tentamos manter essa dificuldade visível no espectáculo durante os monólogos.

Com estas experiências rapidamente chegámos à conclusão que utilizar a troca de personagens sem troca do género criava figuras “abonecadas” que não serviam o propósito da peça. Um comentário de um dos actores-criadores resume bem a ideia com que ficamos: “Parece que estou a entrar num fato que não é meu!”

Ficou apenas um leve toque dessa experiência, provavelmente imperceptível para uma maioria do público, mas que também serviu como solução cénica já que seria pouco interessante ter quatro monólogos seguidos com os actores a entrar e a sair um a um.

Nesta parte apesar da imitação ainda houve espaço para algum questionamento das personagens/actores, um pequeno apontamento brechtiano, com alguns olhares de estranheza sobre algumas coisas mais agressivas como por exemplo a comparação das mulheres a carros da personagem Gabi (cf. vídeo, 18'30).

#### 2.3.4. CENA 3 - A INAUGURAÇÃO



3. Cena 3| Fernando – “Ó Leonor, tu trabalhas? Ó Leonor, tu ganhas?”

Finalmente o trabalho de criação da loja conclui-se e dá-se a festa de inauguração. Neste evento acontecem uma série de peripécias que no fim nos fazem acreditar que este foi um desastre; só Becas é que não vê já que as outras três personagens fazem de tudo para a poupar a tal frustração. Alguns exemplos disso são: os convites que não foram enviados pela equipa de criativos (cf. vídeo1, 24'55); o aparecimento e extermínio de uma toupeira no jardim (cf. vídeo1, 28'36); o esquecimento de Gabi em trazer comida para a festa (cf. vídeo1, 26'20).

A primeira improvisação da inauguração surgiu apenas para experimentar a possibilidade de criar personagens de um género diferente da do actor-criador sem intenção que esta cena fizesse parte do espectáculo. O que se pretendia era explorar o feminino e o masculino na criação. Para tal criei um exercício/improvisação utilizando o dia da inauguração da loja para que aparecessem as personagens que eles entendessem.

Para a criação das personagens os actores jogaram com adereços e figurinos que encontravam na sala de ensaios e que depois foram trabalhados para o espectáculo. Não queríamos uma mudança total dos figurinos até porque as mudanças eram demasiado rápidas, mas havia coisas que alteravam a nossa percepção do género, por exemplo os cabelos curtos e compridos, as barbas (que optámos por deixar ficar) e os seios. Para a transformação das atrizes em personagens masculinas, optámos por casacos, chapéus e óculos que escondessem um pouco os seios, mas optámos por não esconder os cabelos; para os actores fazerem personagens femininas utilizamos lenços, óculos e carteiras e o avental da Dona Rosa. Um dos actores em particular usou sempre os mesmos tecidos verdes para as suas três personagens, usando-os como echarpe, turbante, vestido e saia.

A história já criada também fazia aparecer personagens expectáveis naquela situação como por exemplo a mãe e o pai da Becas. Cada actor procurou criar utilizando aquilo que considera feminino ou masculino e surgiram dezenas de personagens.

A improvisação foi tão surpreendente e interessante que decidimos trabalhar nela para que fizesse parte do espectáculo. Ela passou não só a ser uma mostra de personagens com género diferente do do actor-criador, mas também a incluir, mais uma vez, uma panóplia de micro-agressões de género, não só entre as personagens principais, mas também com os visitantes.

De todas as personagens criadas na primeira improvisação seleccionámos três para cada actor que depois foram trabalhadas. Todas elas foram escolhidas por cumprirem uma função relativamente à temática.

Débora (a estrangeira) é a primeira cliente. É a sua fisicalidade e gestos que sugerem o seu género feminino, já que no texto em inglês não há nenhuma sugestão nesse sentido. Apenas o “Seja bem-vinda.” proferido por Becas, e o “Ela é alta.” de João, nos dão alguns indícios. Ela também vem reforçar a piada da ausência de Galos de Barcelos na loja. (cf. vídeo1, 27')

Mário (o Sr. das entregas), homem trabalhador típico, cheio de pressa, metódico e brioso do seu trabalho, surge num momento constrangedor de choro de Rafa e vem ainda dar-nos o nome da nova loja “Sardinhas de amor”. (cf. vídeo1, 29'25)

Dona Rosa é uma empregada-tipo, aquela que toda a gente conhece, que fala alto, faz o que lhe apetece e aparece no trabalho às horas que entende. Esta é uma personagem importante no desenrolar da história: o facto de ser destrambelhada virá a ser relevante mais tarde e dará o mote para as discussões do final. Ela também se vê envolvida no desastre das toupeiras no jardim e na criação de um buraco por onde entram clientes indesejados. É querida por todos, excepto por Gabi que já a teria despedido se ele mandasse. (cf. vídeo1, 31'30)

Bruno vem dizer tudo aquilo que o seu amigo João pensa sobre Becas e sobre a loja expondo um João menos profissional. (cf. vídeo1, 32'15)

Iris, um espírito-livre, vem desvendar um pouco sobre a vida privada da sua Rafa e os seus *shows* no *Dark Side*; vem ainda criar um pequeno conflito entre o casal com a sua palmada no rabo de Gabi. (cf. vídeo1, 35'38)

Raul, o amigo de Gabi disfarçado de Tom Cruise, ignora completamente a explicação que Rafa, a mulher profissional, dá sobre o sistema de absorção do aquário, concentrando-se no sabor da cerveja. (cf. vídeo1, 38'54)

Mariana Maio, a cantora rouca, vem reforçar o desastre da inauguração. (cf. vídeo1, 42'40)

Irene (cf. vídeo1, 41'23) é a sogra intratável e Manuel (cf. vídeo1, 44'10) o sogro “compincha” que ainda tem tempo para fazer algumas considerações sobre os “afrontamentos” da mulher com os outros.

Foi particularmente interessante ver surgir Victor (o investidor), uma personagem do sexo masculino, mas de traços considerados efeminados no corpo de uma mulher, é uma personagem que quase parece não ter género. (cf. vídeo1, 45'38)

Leonor e Fernando, o casal que entra pelo buraco da toupeira, representam a violência doméstica exercida pelos homens sobre as mulheres e no entanto não há violência em cena, apenas um indicativo pela atitude física das personagens. Até Becas tem medo de Fernando. Por outro lado, Fernando só se dirige a Gabi, o homem e só a ele cumprimenta. (cf. vídeo1, 49'15)

Estas personagens são aquilo a que podemos chamar personagens-tipo, ou seja são representativas de comportamentos e/ou características físicas e psicológicas de um grupo social ou de um estereótipo de género. Ora, estas personagens estão em cena durante de três minutos em média. Parece-me que seria impossível que fossem para além da sua função. A função de cada personagem era precisamente levar para cena alguma questão relativa aos estereótipos, levando a questionar-nos sobre o que é feminino e masculino, e sobre micro-agressões de género. “É natural querer evitar os estereótipos, porque eles podem ser opressivos e perigosos. (...) Estereótipos podem ser opressivos, se forem aceites cegamente em vez de questionados. Eles podem ser perigosos porque sem “atear fogo neles”, reduzirão em vez de ampliar a compreensão.” (Bogart, 2011, p 102) Ainda assim, fiz um pequeno exercício de entrevista às personagens em que os actores foram convidados a desenvolver um pouco a história de cada personagem. Elas não deixam de ser personagens-tipo por isso. Curiosamente dessas entrevistas ainda surgiu material que depois foi usado em cena. Um exemplo é que o Manuel, pai da Becas, na entrevista disse que trabalhava numa fábrica de polímeros. A piada surge no jantar quando são colocados os pratos de plástico na mesa (cf. vídeo2, 3'35).

### 2.3.5. CENA 4 – PREPARAÇÃO PARA O JANTAR



#### 4. Cena 4| Gabi(s)

Esta cena foi criada a partir de mais um exercício individual em que as personagens falavam sobre as outras. O objectivo desta cena é mostrar o julgamento que fazemos dos outros em particular relativamente a estereótipos de género. Decidimos fazer a troca de personagens neste momento e por questões de clareza, ficamos apenas com os monólogos de duas das personagens sendo que as outras duas ficaram apenas com a troca de acções físicas e figurinos. Esta foi uma decisão particularmente difícil porque havia material muito interessante nos monólogos do João e da Rafa que ficaram para trás.

O exercício a que chamei “O que pensam das outras personagens”, procurava o julgamento das personagens em relação aos outros, tendo uma dupla função, ajudar a criar relações entre eles e ajudar a criar a identidade do outro. Esta ideia do julgamento sempre esteve por trás da minha ideia para o espectáculo: estamos sempre a julgarmo-nos uns aos outros e isso não é saudável.



Um tipo de comunicação alienante da vida é o uso de julgamentos moralizadores que subentendem uma natureza errada ou maligna nas pessoas que não agem em consonância com nossos valores. Tais julgamentos aparecem em frases como: “O teu problema é ser egoísta demais”, “Ela é preguiçosa”, “Eles são preconceituosos”, “Isso é impróprio”. Culpa, insulto, depreciação, rotulação, crítica, comparação diagnósticos são todos forma de julgamento. (Rosenberg, 2003, p.37)

Nesta cena são usadas frases que pressupõem julgamento tais como: “é um bocado intriguista... ela diz coisas do João que ele lhe rouba as ideias e que é aluado”; “Ela também quando embica para um lado... chiça!”; “ela para aceitar ideias... Mas se calhar é mesmo assim: é determinado, tem uma personalidade forte”.

Como a troca de género de personagens se inicia nesta cena, começamos aqui a questionar a diferenciação de género quando trocamos o discurso e as acções criadas por uma mulher para um homem e vice-versa. Por exemplo, como percebemos o facto de agora ser uma Gabi mulher que carrega uma tábua pesada para montar a mesa, enquanto um Becas homem observa a sua azáfama? (cf. vídeo1, 3'10)

Nesta troca um factor importante é o código de cores dos figurinos. Como existiam muitas trocas de personagens optámos pela utilização de figurinos base que tivessem uma leitura unissexo: as calças de ganga e as sapatilhas *All Star*. A cada uma das quatro personagens principais foi atribuída uma cor para que na troca pudessem utilizar um figurino semelhante e facilitar a leitura do público: Becas – top/ camisa amarela; Gabi – top/ camisa verde escura; Rafa – camisa vermelha aos quadrados; João - casaco desportivo cinzento. No momento da troca vemos os dois Becas lado a lado de amarelo (cf. vídeo1, 54'45) e de seguida todos os actores trocam de personagem mudando o seu figurino e assumindo a fisicalidade da nova personagem.

### 2.3.6. CENA 5 – O JANTAR



5. Cena5| João – “Naquela parte em que eles estão: *Stay. Come. Stay. Come.* O meu pai deu-me um chapadão para eu parar com aquilo.”

O objectivo desta cena era focar as micro-agressões num contexto privado e social. Becas convida João e Rafa para um jantar em sua casa para comemorar o sucesso da abertura da nova loja. Sendo a última cena, também foi o momento para trocar o género das personagens.

Mais do que a utilização das micro-agressões por si só no espectáculo, para mim era essencial que acontecessem alguns paralelismos de micro-agressões na troca de personagens de forma a expor as diferenciação de géneros, ou seja, colocar perante o público as mesmas situações mas com os géneros das personagens invertidas permitindo às pessoas questionarem os seus próprios preconceitos e/ou a realidade que os rodeia. Para tal, a cena foi construída incluindo uma série de repetições de micro-agressões alguns exemplos disso são: 1. “Queres uma cerveja, João?” (cf. vídeo1, 23'45 vs. vídeo2, 6'); 2. Crise de choro de Rafa (cf. vídeo1, 29' vs. vídeo2, 15'42) seguido de “Não me toques que eu não gosto” e “Estás com o período?” (cf. vídeo1, 30'07 vs. vídeo2, 16'40); 3. O compadrio entre personagens Gabi e João nos momentos “Sardinhalo” e “Goonies” (cf. vídeo1, 9'50 vs. vídeo2, 12'15); 4. “Sorri, tens um sorriso tão bonito” (cf. vídeo1, 26'12 vs. vídeo2, 11'30); 5. A ideia pré-concebida que João tem de gostar de futebol (cf. vídeo1, 38'15 vs. vídeo2, 7'46); 6. O *Bropriating* de João relativamente às ideias de Rafa, mais propriamente sobre a ideia da estátua (cf. vídeo1, 30'19 vs. vídeo2, 10'5')

A procura da micro-agressão em que a vítima é o homem foi uma dificuldade constante. Algumas das ideias neste sentido só surgiram no dia do ensaio geral. Em particular percebemos nos últimos ensaios que a personagem João nunca era vítima de agressões, nesse momento acrescentamos o momento “Fada do Lar” na inauguração (cf. vídeo1, 26'45), já sabíamos que ele/a não gostava de futebol, mas fizemos disso uma agressão por parte do/a colega Rafa (cf. vídeo1, 38'26 e vídeo2, 8').

Um dos estereótipos comuns relativamente aos homens refere-se à ideia de que são insensíveis e que não expõem ou não falam de sentimentos e eu queria ter uma cena que abordasse isso. Sempre que tentávamos criar uma situação em que os homens falavam de sentimentos criava-se um impasse, nada acontecia: fugiam ao assunto, não se olhavam. Propus que tivessem em conta que os sentimentos não tinham de ser negativos, o objectivo não era pô-los a chorar. A única excepção foi quando falaram dos filmes "Goonies" e "E.T.", o que acabou por ficar no espectáculo curiosamente representado pelas atrizes (cf. vídeo2, 12'15).

Surgiram também algumas questões de linguística na troca de género das personagens. Por exemplo, quando Becas refere que Gabi é uma “excelente chefe de cozinha” (cf. vídeo2, 9'50) notámos que seria diferente de dizer que é uma “excelente cozinheira”, a primeira dá-lhe um ar profissional, a segunda dá-lhe um ar de dona de casa. Já se a situação acontecer com as personagens com os géneros iniciais isso não acontece. Optámos pela primeira versão para não alterar a percepção da personagem na troca de género. Também no final há um momento em que Rafa chama a João “mariquinhas” (cf. vídeo2, 18'14) que é um termo utilizando especificamente para os homens com o intuito de ofender, colocando em causa a masculinidade e neste momento é dito por um homem a uma mulher.

Num outro momento, na criação original, Becas e Rafa falavam sobre o actor Tim Becken, sobre o seu aspecto físico e usavam expressões como: “Ele bem podia espreitar à minha janela” e “Não me importava nada que ele me fizesse um filho ou dois”. Ao passar isto para o outro género passava a ideia que as personagens masculinas Becas e Rafa eram homossexuais. Isso não só alterava as personagens como também criava uma leitura sobre a ligação género e orientação sexual que não me interessava, por isso cortou-se essa parte do texto.

## A TROCA DE PERSONAGENS COM TROCA DE GÉNERO

A primeira experiência de troca de género das personagens foi muito interessante do ponto de vista da temática. Esta experiência foi realizada com base no guião da primeira cena. Foi pedido aos actores que transportassem as características da personagem para o seu género, mas a cena deveria continuar a mesma. Com guião, mas ainda sem texto fixado bastou que as acções fossem realizadas de forma diferente, ou as coisas ditas de forma diferente ou com um tom diferente e tudo se transformava. As personagens mudaram de personalidade, ou seja, com a mesma acção as personagens ganhavam outras características, por exemplo, Rafa tornou-se condescendente com o atraso de João; João não tinha espaço para nada porque era tida como “a tontinha”; Becas criou uma barreira com João e não achava piada ao que ela dizia.

Experimentamos também a troca com os monólogos pois esses já estavam escritos e queria ver o que acontecia na confrontação com o texto já existente que incluía frases, acções ou ideias que poderiam ser problemáticas na troca. Por exemplo, quando a Gabi dizia o monólogo a primeira leitura que fazíamos é que parecia “uma borrachona” a provar cervejas, imagem que na personagem masculina não temos. O que notei é que quando se fazem as trocas sem texto escrito o actor/actriz tem tendência para anular situações que não lhe convêm quanto ao género (por exemplo: não tapar os olhos à Rafa e ao João para entrar na loja); quando existe texto os actores vêm-se confrontados com a estranheza de determinadas situações. Anular determinadas coisas sem experimentar nem sempre é a solução, ou seja, foi necessário que toda a construção fosse feita pelos actor-criadores originais de cada personagem e só depois de haver texto e cenas concretas é que passámos para a troca e decisões dramáticas, coisa que só aconteceu a duas semanas da estreia. Fizemos experiências com as várias cenas até chegarmos à conclusão de que a troca se daria apenas no final.

O importante no trabalho das trocas era procurar o que era característico de cada personagem, o que era a sua essência de forma a conseguir transportá-la para outro actor de género diferente. Inicialmente os actores sentiram que pegar nas características físicas das personagens os atrapalhava, no entanto, pedi que tentassem trabalhar essa fisicalidade apropriando-se dela no género, integrando-as. A questão passou por dosear as características físicas e vocais, não utilizar todos os gestos ou moderá-los. O que pretendia era que as personagens fossem reconhecíveis no género oposto, mas que mantivessem as suas características essenciais, não pretendia ter um Becas efeminado ou uma Gabi masculinizada só porque gosta de cerveja e de montar móveis. As características físicas mais visíveis eram também um ponto de apoio para o

público, por exemplo a postura relaxada e o arrastar da voz de João são reconhecíveis nos dois actores que a representam; o jeito como Becas se apoia só numa perna, ou o seu gesto de passar o dedo do meio desde a testa até à ponta do nariz é igual nos dois actores, assim como a forma como se ri das piadas de João.

Outras características das personagens também foram utilizadas para criar paralelismos de situações anteriores como por exemplo as piadas secas de Gabi que eram sempre motivadas por momentos em que se encontrava sozinho/a com Rafa e uma vez com João (cf. vídeo1, 37'20; 40'47; vídeo2, 4'43 e 16'05). Não posso deixar de apontar em particular a “piada do tomate” (cf. vídeo2, 16'05) que para além de nos mostrar mais uma vez essa característica da personagem Gabi ainda cria um momento de questionamento relativamente ao género já que a piada, que tem como foco os genitais masculinos, é contada por uma mulher para outra mulher; toda a situação de falta de entendimento e constrangimento torna esta anedota num momento provocatório e carregado de humor.

As personagens tiveram vários nomes ao longo do processo. Quando começámos por escolher estas quatro elas chamavam-se Rebeca, Raul, Orlando e Mónica, nomes atribuídos pelos actores às suas personagens ainda na primeira fase do processo. Quando começámos a trocar o género das personagens atribuímos um nome diferente na troca: Becas, Rita, Orlanda e Nico. Mas se as personagens eram as mesmas, só trocam de género o nome deveria manter-se. Em Portugal não existem nomes sem género, a alternativa foi escolher alguns diminutivos que poderiam ser atribuídos aos dois sexos: Becas, Gabi, João e Rafa. Assim também torna a leitura para o público mais clara. Para os actores as trocas foram sempre complicadas. Era necessário um esforço de concentração enorme para não trocar os nomes e os géneros dos artigos.

### 2.3.7. O FINAL



#### 6. Final| Rafa – És uma mariquinhas!

“No teatro, podemos criar momentos em que todos da plateia tenham experiência similar ou momentos que provocam diferentes associações em cada um dos espectadores. O que pretendemos: impressionar o público ou enchê-lo de força de maneira criativa?” (Bogart, 2011 p.111). Nunca foi minha intenção ser panfletária em relação às questões abordadas, não tenho qualquer intenção de mudar o pensamento de ninguém, mas posso propor a reflexão. Com isso em mente tentei criar neste final um momento explosivo de discussão em que são lançadas uma série de acusações baseadas em estereótipos de género. A maior parte foram retiradas do próprio espectáculo como forma de demonstrar que as micro-agressões não podem ser desvalorizadas, elas vão acumulando e geram desconforto e mal-estar entre todos. A mecânica do espectáculo é a da invisibilidade: parece que nada está a causar conflito e de repetente: “Bum!”

É também uma forma de pôr o público a pensar sobre os estereótipos de género: porque é que se consideram os homens mais práticos e as mulheres mais sonhadoras? (cf. vídeo2, 18'25) porque é que todos os homens têm de gostar de futebol? (cf. vídeo2, 19'35) porque é que as mulheres têm de ter mais cuidado com a forma como se vestem, porque é que se valoriza mais a forma como uma mulher se veste e não as suas ideias? (cf. vídeo2,18'50) porque é que um homem não pode usar um *tote bag* com desenhos? (cf. vídeo2, 19'57) porque é que um homem

tem de gostar de conduzir e montar móveis? (cf. vídeo2, 19'05) O facto de as personagens estarem com os géneros trocados ainda causa maior estranheza e provoca o questionamento.

A música é também um elemento cénico de força neste espectáculo, em particular neste final. O volume da música aumenta com o crescendo da discussão, música essa que parece um bater do coração, ou um tambor que marca o passo de um batalhão; no final ouvimos o seu refrão e título da música sugestivo para o espectáculo: “Let's talk about gender, baby”. Aliás, toda a escolha das músicas, foi realizada tendo em conta a temática, seja pelas suas letras e/ou pelos seus autores serem reconhecidamente artistas que utilizam o seu trabalho para dar visibilidade às questões de género. A banda sonora escolhida e trabalhada por um profissional de teatro da área do som, elemento extra desta equipa criativa, inclui: “Man size” de P.J. Harvey, “Perfume genius” dos Queen, “Walking in the rain” the Grace Jones e “Let's talk about gender, baby” de Planning to rock.

## **3. REFLEXÕES PÓS APRESENTAÇÃO PÚBLICA**

### **3.1. CONSIDERAÇÕES À *POSTERIORI***

“Do outro lado” foi um desafio que me coloquei, vindo de uma forte vontade de criar e de encenar, e de uma forte vontade de abordar a temática da mulher no teatro. O contexto do mestrado revelou-se ideal para o desenvolvimento de todas essas vontades que no início do primeiro ano eram ainda ideias vagas e cruas. O trabalho foi árduo, mas muito gratificante, os resultados muito satisfatórios, a aprendizagem enorme e os objectivos a que me propus foram amplamente atingidos tendo ainda a possibilidade de ter me ter surpreendido.

#### **3.1.1. SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO TEATRAL**

Os processos de *devising* são muito interessantes e estimulantes, pois são um “salto para o desconhecido” e por isso são também um processo de pesquisa e de aprendizagem constante. Comecei com um palpite, uma forte necessidade de criar e fui percorrendo um caminho cheio de perguntas, de dúvidas, de possibilidades, cheio de escolhas e em constante procura de respostas para algo que nem tinha bem a certeza do que seria.

Durante o processo procurei diferentes formas de criação teatral, experimentei diferentes técnicas, fui desenhando exercícios e improvisações com o objectivo de criar material relevante de acordo com o tema proposto. Não considero que tenha encontrado uma forma de o fazer, uma metodologia, aliás, o *devising* é em si mesmo, um “mar de possibilidades” que se podem procurar e experimentar de acordo com o tema, com o grupo de trabalho, com as especificidades do projecto em mãos; no entanto, considero que ao longo do processo de criação foi desenvolvido um manancial de ferramentas que me permitiram novas possibilidades para projectos futuros.

Gerámos imenso material e por vezes foi difícil deixar coisas para trás, mas foi um trabalho necessário para criar um espectáculo que não fosse apenas mais uma “gargalhada vazia”, mas que levasse até ao público os nossos questionamentos. O trabalho de encenadora/ directora artística é pontuado por escolhas constantes; por vezes a selecção do material passa pela temática, por vezes prende-se apenas com questões técnicas ou de possibilidades de encenação.



Essas respostas foram surgindo por intuição, por sensibilidade, e também com muita pesquisa. Foi essencial o trabalho constante de retornar às minhas questões iniciais para não me perder no processo. Todo o material que ia sendo gerado foi alvo de uma constante reflexão e ponderação sempre com o apoio da pesquisa teórica.

Foi interessante perceber como é necessária muita flexibilidade para deixar as coisas acontecer e não nos deixarmos levar por ideias pré-concebidas, permitir que o imprevisto e o inusitado aconteçam. Para isso é importantíssimo ter uma equipa em quem se confia, com quem partilhamos visões e linguagens. O diálogo constante com o grupo foi essencial. Por vezes, quando sentia o meu pensamento bloqueado era nas conversas com a equipa que desbravava caminhos. No entanto, considero essencial num processo de *devising* a figura do encenador/director artístico que reúne os diversos elementos para depois tomar decisões e dar coerência ao espectáculo. O trabalho em casa foi de extrema importância: rever os ensaios gravados em vídeo, seleccionar, reescrever, preparar novos exercícios e novas experiências, coser ideias, limpar textos de forma a ficar com o essencial.

### **3.1.2. SOBRE AS TROCAS**

Se o teatro é o lugar do “se”, se é o lugar onde podemos imaginar que um boneco é um bebé, que uma porta é uma casa, que uma rede de pesca é uma fonte de água, também podemos fazer com o que o público imagine que homens e mulheres, não se definem tão facilmente como sempre acreditamos.

O mecanismo da troca de personagens foi experimentado e utilizado na tentativa de produzir esse efeito. Se, por um lado, a troca de personagens entre actores e actrizes sem troca de género nos levou à criação de personagens “abonecadas”, por outro, a troca de género das personagens que levamos a palco na última cena, revelou-se extremamente interessante do ponto de vista da procura da identidade da personagem, na procura dos gestos, da fisicalidade, das acções, dos pensamentos, e das leituras criadas para o público. O apuramento destas componentes na troca de personagens foi particularmente interessante do ponto de vista da encenação para que pudessemos chegar ao ponto certo em que as personagens fossem verosímeis para o público, em que a troca não alterasse a história e penso que isso foi conseguido. Foi minha intenção explorar possibilidades: Becas, Gabi, Rafa e João podem ser homens ou mulheres, os seus

comportamentos revelam-se humanos e não masculinos ou femininos, o que, na minha opinião, torna-as mais interessantes. Não existem ideias “sólidas” sobre o que é feminino e masculino, existem comportamentos humanos.

À questão de partida “Em que medida a troca na atribuição de uma personagem entre actores-criadores masculinos e femininos tem influência sobre a mesma?”, poderei responder que a influência será aquela que enquanto criadora, eu quiser que tenha. O trabalho realizado nos ensaios foi no sentido de não permitir que essa troca influenciasse negativamente as criações de personagem, isto é, que deixássemos todas as ideias estereotipadas que temos de lado e que procurássemos o comportamento humano comum a todos, deixando que o público tirasse as suas elações daí. É claro que não podemos ignorar as diferenças físicas, e que as ideias pré-concebidas sobre o género têm de ser tidas em conta, mas como o teatro é o mundo do “se”, há sempre uma alternativa. Lembro-me em particular de um episódio em que pedi ao actor que agora representava o Becas para se levantar da cadeira enquanto discutia com a sua namorada Gabi, ao que ele respondeu que se se levantasse, e porque é bem mais alto que ela, iria parecer que lhe ia bater. Experimentámos e era mesmo assim. Ficou a discutir sentado para mantermos a discussão mais cordial.

Não acredito que toda a gente seja irremediavelmente e inconscientemente sexista, ou que séculos de estereótipos de género se possam entranhar de tal maneira que seja impossível libertarmo-nos deles. Mas acredito que os artistas de teatro devem ganhar controlo sobre este aspecto da caracterização das personagens e da forma de se contar histórias, em vez de permitirem que os seus preconceitos e os estereótipos de género se mantenham por omissão e/ou negligência. Só assim poderemos começar a colmatar as falhas da paridade de género em palco.

Para alcançar equidade de géneros no teatro não basta colocar mais mulheres em cena, não basta mudar os corpos dos intérpretes, temos de prestar mais atenção ao que escrevemos, às personagens que criamos e ao que elas transmitem neste sentido. A troca, mesmo que só no processo, pode ajudar a desenvolver uma nova perspectiva sobre cada personagem.

Para mim, esta é uma boa ferramenta para criar personagens com mais tridimensionalidade, e é por isso um mecanismo que poderei utilizar noutras criações, mesmo que seja só como exercício de ensaio

### 3.1.3. SOBRE A TEMÁTICA

Os movimentos activistas feministas estão cada vez mais presentes na vida política, na academia e nos media. Não digo que estamos em tempos de mudança, pois é algo que tem vindo a acontecer lentamente, em particular no último século, mas ainda há muito caminho para se fazer em direcção a uma sociedade mais igualitária, sem discriminação, onde todos são livres para realizar os seus desejos, onde todos os seres humanos possam ser considerados e tratados por igual por tudo e todos.

“Do outro lado” nunca foi um projecto que pretendesse mudar o mundo, mas sempre teve como objectivo levar o público a questionar as situações representadas e, quem sabe, afectar o discurso quotidiano de cada um. No final de cada espectáculo ouvi comentários de reconhecimento das situações representadas, seguidos de histórias pessoais semelhantes às do espectáculo. Falaram-me de revoltas, de medos, de injustiças, de lutas diárias, de diferentes condutas; falaram-me de como se reviam ali no palco e de como reviam os comportamentos de outros. O espectáculo é um reflexo da realidade, é uma lupa que aumenta aspectos menos visíveis de uma cultura assente na supremacia do hetero-patriarcado; e eu só posso sonhar que talvez uma dessas pessoas do público tenha mudado algum comportamento no seu dia-a-dia, ou que tenha encontrado uma maneira de reagir de forma mais positiva a uma situação mais agressiva para si.

Na seguinte frase, atribuída a Angela Davis “I’m no longer accepting the things I cannot change, I am changing the things I cannot accept”, revejo o meu pensamento para este espectáculo; para mim este trabalho é uma forma de resistência. Um pequeno contributo para uma abertura na percepção do que é o masculino e o feminino, ou do que pode ser. Focando num ponto específico da temática, a diferenciação de géneros e as micro-agressões, procurei criar um ponto de vista sobre o problema, uma ferramenta de percepção numa tentativa de despoletar vontades de análise sobre situações semelhantes.

### **3.2. PERSPECTIVAS FUTURAS**

Esta criação foi um desafio a que me propus: queria perceber como era encenar um grupo de profissionais, queria explorar as minhas capacidades enquanto criadora, queria explorar um outro lado. A experiência foi dura, o trabalho árduo, mas muito satisfatório e a elevada adesão do público permitiu o prolongamento da carreira em mais uma semana, assim como está prevista a compra de um espectáculo para o mês de Julho. É prática comum do Musgo manter os seus espectáculos em carteira para possíveis vendas e faremos para que assim aconteça com este também.

“Do outro lado” é o início da criação de uma identidade artística que pretendo continuar a desenvolver.

É meu desejo dar continuidade a esta pesquisa e continuar a reflectir sobre as questões de género dentro de um âmbito artístico.

É meu desejo continuar a criar novos desafios artísticos.

## BIBLIOGRAFIA

Adiche, C. N. (2017). Querida ãeawele – como educar para o feminismo. Alfragide: Publicações Dom Quixote.

admin\_livrariaflorencia (s.d.). A diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual. [blog post] Consultado em 8 de Junho de 2018, disponível em <https://blog.livrariaflorencia.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>.

AfroMarxist (2017, Abril 19). Angela Davis on Intersectional Feminism. [video file] Consultado em 21 de Junho de 2018, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=9GDjT3Fw\\_6w](https://www.youtube.com/watch?v=9GDjT3Fw_6w).

Arlander, A. (2016). Investigação em Arte e/ou como interdisciplinaridade. *Artistic Research Does #1 – Annette Arlander*. Porto: I2ADS/FBAUP.

Artaud, A. (1963). O teatro e o seu duplo. Lisboa: Fenda.

AXE (2017, Maio, 16). Is it ok for guys...|AXE. [video file] Consultado em 22 de Junho de 2018, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0WySfa7x5q0>.

berniezbear (2013, Julho 11). Teresa Forcades: Feminist Theology (English subtitles) [video file] Consultado em 8 de Junho de 2018, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2594IQJ8YJo>.

Butler, J. (2017). Problemas de Género. Lisboa: Orfeu Negro.

Barker, C. (2000). Cultural Studies: theory and practice. Londres: SAGE Publications Ltd.

Bogart, A. (2011) A preparação do Diretor. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Bogart, A. Landau, T. (2005). The Viewpoints book: A Practical Guide to Viewpoints and Composition. New York: Theatre Communication Group.

Brockett, O. G. (1999). History of the Theatre. Eight Edition. Boston: Allyn and Bacon.

Escola de Mulheres – Oficina de Teatro (s.d.). consultado em: 22 de Novembro de 2017, disponível em: <http://www.escolademulheres.com/>.

- Enslar, E. (2008). *Os Monólogos da Vagina*. Mem Martins: Europa-América.
- Fortier, M. (2002). *Theory/Theatre: an introduction*. Second Edition. Oxon: Routledge.
- Holdsworth, N. (2006). *Routledge performance practitioners: Joan Littlewood*. Londres: Routledge.
- Huxley, M. Witts, N. (2002). *The Twentieth-Century Performance Reader*. Second Edition. Londres: Routledge.
- Musgo – Companhia de Teatro (s.d.). consultado em 8 de Junho de 2018, disponível em <https://musgocompanhia.wordpress.com/about/>.
- Nohara, Irene (2015, Maio 26). Qual a diferença entre gênero e sexo? [blog post] Consultado em 8 de Junho de 2018 disponível em <http://direitoadm.com.br/qual-a-diferenca-entre-genero-e-sexo/>.
- Rosenberg, M. B. (2003). *Comunicação não-violenta*. Segunda edição. São Paulo: Editora Ágora.
- Schechner, R. (2002). *Performance Studies*. Londres: Routledge.
- Slowiak, J. Cuesta, J. (2007). *Routledge performance practitioners: Jerzy Grotowski*. Londres: Routledge.
- Stanislavski, C. (1989). *Building a character*. New York: Routledge.
- Oddey, A. (1991). *Devising Theatre: A Practical and Theoretical Handbook*. Londres: Routledge.
- Think Olga (2015, Abril 9). *O machismo também mora nos detalhes*. Consultado em 8 de Junho de 2018, disponível em <https://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes>.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

Abelman, D. (2017, Maio 8) Androgynous Model Rain Dove Breaks Down the Difference Between Gender and Sex. [blog post] Consultado em 27 de Junho de 2018, disponível em [https://www.allure.com/story/androgynous-model-rain-dove-dispelling-beauty-myths?mbid=social\\_facebook](https://www.allure.com/story/androgynous-model-rain-dove-dispelling-beauty-myths?mbid=social_facebook).

Alter, C. (s.d.) Cultural sexism in the world is very real when you've lived on both sides of the coin. [blog post] Consultado em 27 de Junho de 2018, disponível em <http://time.com/transgender-men-sexism/>.

Brewer, H. (2017) List of Gender Stereotypes. [blog post] Consultado em 22 de Junho de 2018, disponível em <https://www.healthguidance.org/entry/15910/1/List-of-Gender-Stereotypes.html>.

Dypka, J. (2017, Julho 29) Pink & Blue. [vídeo] Consultado em 27 de Junho de 2018, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=65iC2I4KEXo>.

Luisa, A. (2017, Fevereiro 14) Sobre microagressões e resiliência diária. [blog post] Consultado em 27 de Junho de 2018, disponível em <https://medium.com/@analu.sxj/sobre-microagress%C3%B5es-e-resili%C3%Aancia-di%C3%A1ria-b5b1f9306c7>.

Paul, F. (2017) 18 histórias de mansplaining que vão te fazer dizer "parem, homens". [blog post] Consultado em 22 de Junho de 2018, disponível em [https://www.buzzfeed.com/florapaul/homens-parem-com-mansplaining?utm\\_term=.ugzyElyavJ#.bgJjwXjrNe](https://www.buzzfeed.com/florapaul/homens-parem-com-mansplaining?utm_term=.ugzyElyavJ#.bgJjwXjrNe).

ShortList (2018, Janeiro 8) Jordan Stephens on toxic masculinity. [vídeo] Consultado em 27 de Junho de 2018, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kamDDChUn0A>.

Think Olga (2015, Abril 9). *O machismo também mora nos detalhes*. [blog post] Consultado em 8 de Junho de 2018. Disponível em <https://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>.

## **ANEXOS**



## **ANEXO A - Guião de características das personagens**

### **As personagens**

#### **Rebeca**

- Excêntrica
- Autocentrada: acha que tudo o que faz é incrível; adora ser o centro das atenções (adora o Orlando porque causa disso); gosta que os outros reconheçam o valor dela
- Determinada/Teimosa: faz as coisas acontecer
- Controladora, mas nem sempre as coisas correm como ela quer
- Dinâmica; autoconfiante porque consegue atingir os seus objetivos
- É genuinamente empreendedora e gosta mesmo de trabalhar em equipa
- filha e neta única
- Ambiciosa
- Lado sentimentalista: é muito ligada à família
- Cuida das pessoas (à sua maneira)
- Namora com o Raul: são muito companheiros, estão lá um para o outro; ele é demasiado relaxado e trapalhão para o seu gosto e isso incomoda-a
- Conhece a Mónica e acha-a estrela e gosta que ela seja estranha, porque gosta de coisas fora do comum (dá-lhe um certo estatuto: ser diferente); desconfia dela porque não consegue decifra-la
- Adora o Orlando porque ele acha que ela é incrível

#### **Raul**

- É um entendido em tudo o que é importante; acha que tem as melhores ideias
- Evita discussões: prefere ceder nas pequenas coisas do que ter uma discussão parva: se é para ter uma discussão é para ser fracturante
- tem dificuldade em “ler” as pessoas – confia demasiado à primeira e depois recua
- passa muito tempo sozinho e quando tem oportunidade é demasiado expansivo e fala demais, não tem filtros
- adora ajudar a Rebeca na loja
- quer ser pai e ir ao futebol - é terra a terra nas ambições
- chateia-o que o considerem insensível: “não verbalizar não quer dizer que não sintas”
- Piadas secas
- Adora a Rebeca. Não gosta de entrar em discussões com ela. Manter a paz. Gosta das manias e da excentricidade dela – completam-se.
- O Orlando é um gajo porreiro. Um novo amigo. É diferente: é um gajo aberto.
- A Mónica é uma incógnita, um mistério a desvendar. Ele conhece-a do Dark Side of the Moon, mas só a reconhece muito tarde.
- Ele temido ao Dark Side: porque é que ele faz isso? Porque é que ele quer experimentar isto?! Viu na net e ficou com curiosidade?!

## Mónica

- Trabalhadora e criativa
- Muito focada para atingir objectivos e não gosta de perder tempo
- Desenrascada
- Ríspida quando tem de ser
- Não gosta que lhe toquem
- “Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque” - guarda a sua vida privada: todo o lado emotivo e divertido só se revela com os copos, até lá é mostra apenas profissionalismo.
- “Vale a pena o risco”
- paixão pelo jogo
- Tem um lado kinky/Dark Pin-up – lugar do privado. É um mundo que a alimenta emocionalmente; sente-se viva.
- Emocionalmente ligada ao padrinho que morreu
- Tem questões com a morte
- Conhece a Rebeca há muito, mas nunca se relacionaram. Agora está a conhece-la melhor. Vão ter alguns momentos de cumplicidade, mas também há muita estranheza.
- Trabalha em equipa com o Orlando. São uma boa equipara, estão em sintonia nas ideias. Ele é um bocado parvo, mas ela sabe lidar com ele. Ele é um espírito criativo, pensa fora da caixa. Como têm a mesma empregada, ela tem de esconder coisas em casa para a Dona Rosa não se chibar.
- Não vai à bola com o Raul: ele é metido e petulante, o que lhe dá alguma tusa!

## Orlando

- Leva a vida relaxadamente
- Fuma charros e está um bocado comido da cabeça: não apanha nada nas conversas e faz perguntas inconvenientes; é inconveniente, mas passa porque é um fixe
- À vontade/ Acha que se dá com todos
- Abre a porta às senhoras como lhe ensinou a ama, mas é mais para lhes olhar para o rabo – misógino
- o seu sonho é ter alguém para amar e partilhar a vida
- Distraído
- Autocentrado porque acha que as ideias são sempre dele; não repara nos outros/ não repara no que realmente está a acontecer à volta dele
- Criatividade non-sense
- Trabalha com a Mónica. Acha-a fria. Já tentou, mas não deu em nada (deve ser fufa). É uma boa compincha, colega. Trabalha super bem. Reconhece-lhe o mérito, mas sem ele...
- A Rebeca é boa!
- O Raul é um gajo porreiro. Não percebe metade do que ele diz (futebol e cerveja). É um bocado chato com o galo

## ANEXO B – Guião de situações e acontecimentos

Folha 1

Situação	Acontecimentos importantes – Focos
<p><b>Objetos/ Ensinamentos</b> - Monólogos que falam sobre a <b>educação</b> que estas personagens tiveram. Uns mais do que outros tocam nos estereótipos da educação fem vs masc.</p>	<p><b>Rebeca</b> – Avó: Dicionário Francês-Português e Caixa com rolos; Ensinou que conseguimos cuidar das pessoas; francês...; “É preciso ir à luta, filha!” “Quero que vejas isto tudo. Se estes senhores conseguem, tu também podes.”</p> <p><b>Orlando</b> – Ama: Boneca Nancy; guia espiritual; ventríloquo; “Vou ensinar-te a arte de amar” “Como podes fazer feliz uma menina”; abrir a porta do carro.</p> <p><b>Mónica</b> – Padrinho: Chapéu/Loto; O desembaraço; coisas de electricidade; jogo; a reza; “Vale a pena o risco. Se gostamos de alguma coisa, vale a pena o risco.” Era a única rapariga entre os primos, mas para o padrinho eram todos iguais. O padrinho já morreu.</p> <p><b>Raul</b> – Padrinho: Livro do Automóvel; “Os carros são como tudo na vida; A forma como tratas o carro é a forma como ele se vai comportar. O tipo de carro que tens é um espelho do que tu és.” “As finanças é como o óleo, tem de estar sempre no nível certo.” “Tudo na medida certa: é como às mulheres. Tens de aquecer o motor...” É um tipo porreiro, mas não quero ser como ele; quero construir uma vida, uma família.</p>
<p><b>Revista</b> – Monólogos que nos <b>apresentam</b> as personagens na sua feminilidade ou masculinidade. - O mais provável é estes monólogos não existirem e ficarem presentes em temas de conversa ou cenas.</p>	<p><b>Rebeca</b> – Marie Claire: “Quero aprender a falar francês” tem textos pequenos; receitas;..Remete para o monólogo dos objectos.</p> <p><b>Orlando</b> – Costura: a descoberta do séc.XXI. Transformou-me. Do velho podemos fazer novo. Meninas recatadas: Ask me to dance: remete aos tempo antigos.</p> <p><b>Mónica</b> – Ink: Admiração pela arte da tatuagem; não tenho tatuagens, mas gostava: estou à procura; Gostava de ir a um concurso de Pin-ups, mas não tenho coragem; só em casa;</p> <p><b>Raul</b> – Cerveja Artesanal: 1ª revista portuguesa; quero começar a fazer; já comprei a panela; é desbloqueador de conversa no Catraio.</p>
<p><b>O que cada um pensa dos outros</b> – <b>Monólogo em que se apresentam as personagens pelo olhar uns dos outros.</b> Pode ser a <b>introdução do espectáculo.</b> Pode ser a preparação para a reunião ou mais tarde a preparação para o jantar. Ou pode surgir durante o jantar em conversas privadas. Tem tudo a ver com <b>Empatia/Julgamentos.</b></p>	<p><b>Rebeca:</b> Raul – muito companheir;desastrado; Monica – organizada; trabalhadora; intriguista; Orlando – parece aluado, mas está sempre atento ao que eu digo.</p> <p><b>Orlando:</b> Mónica – boa equipa; gosta de fevera; Rebeca – É boa; abraça o universo; de confiança; o cabelo; Raul – burro; tem muita sorte; é um gajo fixe</p> <p><b>Mónica:</b> Orlando - desorganizado;tira-me do sério; muito à vontade. É o Orlando...;</p> <p><b>Rebeca</b> – conhecemo-nos sem nos conhecermos; Raul – É um bocado metido; enervame.</p> <p><b>Raul:</b> Rebeca – companheira de vida; determinada; mandona; Mónica – fufa; écarro desportico, não comprava, mas...; focada; Orlando – é fixe; não percewbe de football; é um gajo aberto.</p>
<p><b>Reunião de trabalho</b> – Rebeca encontra-se com a equipa de marketing e comunicação (ver: creativeminds.pt) que irá ajuda-la a criar uma marca de sucesso. Quer revitalizar a marca ao mesmo tempo que abre uma nova loja. Aproveita o reencontro com a sua “amiga” de longa data: Mónica e contrata a sua empresa. - O tema de conversa é centrado na loja “Sardinhas &amp; Coisas” e todas as maluqueiras que já foram inventadas.</p>	<p><b>Manterrupting</b> - Orlando que interrompe Mónica e Rebeca (apenas depois de o namorado a fazer – Mónica chamo-o à atenção discretamente);</p> <p><b>Propriating</b> - Orlando “rouba” as ideias de Mónica; basicamente repete o que ela diz acrescentando aqui e ali qq coisa (isso dá-lhe propriedade sobre a ideia!!!) A minha proposta/a nossa proposta. (“Destressa e melhora a tua vida!”)</p> <p>Orlando e Mónica <b>atacam</b> o trabalho um do outro em frente a Rebeca para se <b>auto-promoverem</b> (poderá ser mais tarde no jantar qd a coisa descambar)</p> <p>Orlando <b>cumprimenta</b> toda a gente muito <b>à vontade</b> (gradual ao longo a peça)... é a maneira dele ser! (aqui não está fumado, mas já tem muito,neurónio queimado e faz algumas <b>perguntas inconvenientes</b>); Cumprimenta Raul quase como se o conhecesse... se ele é o namorado da Rebeca!!! <b>Com a sua chegada também Orlando fica mais à vontade, fala mais, sorri e trata de todos os negócios...fala para Raul</b> embora depois fique sempre à consideração de Rebeca a decisão final. <b>Rebeca tem de procurar o olhar de Orlando para continuar.</b> Mais tarde esta familiaridade do toque gera <b>desconfiança de Raul sobre as intenções de Orlando para com Rebeca.</b></p> <p><b>Raul</b> chega. Simpático. Vai ficar só ali a <b>ouvir... mas intervém</b> aqui e ali. Discute com Rebeca sobre o nome da loja. Vai <b>metendo o bedelho</b> discretamente. Só percebe as coisas se for o Raul a explicar. <b>Orlando fala cada vez mais para Raul do que para Rebeca.</b> Rebeca tem de procurar o <b>olhar</b> dele.</p>

Página 1

M to IMP  
 REFORCAR A PARCERIA  
 CADA ENTRE RAUL E  
 ORLANDO. PIEZE  
 É UM  
 PEDSO DE  
 CARNE



Folha1

<p><b>Na loja/Na Rua (à porta) –</b> situação intermédia que pode conter elementos da reunião e do jantar. (As 3 cenas passam se em dias diferentes)</p>	<p>Por exemplo – Cenas <b>Emojis/</b> Nem sabes o que me aconteceu... ainda agora...; O que pensam uns dos outros a pares; como é que se conheceram (Rebeca e Mónica; deixar os outros para o jantar...); - Os temas de conversa giram à volta da loja e das vidas das personagens</p>
<p><b>O Jantar</b> - para comemorar a abertura da nova loja. - Os temas de conversa raramente se centram na loja; falam sobre as suas vidas, sobre a comida!, gostos, música, uma vez aconteceu-me isto ou aquilo...uma história puxa a outra...</p>	<p>Rebeca trouxe louça da loja mas partiu-se toda – choraminga: <b>condescendência</b> de todos com ela.</p> <p>A2 – Casal coloca a mesa. Ela critica-o porque faz tudo mal (Se não está em cima da banca, se não os vê, já não os encontra!) ou ele foi buscar comida e foi assaltado. Raul prepara qualquer coisa para comer: atum em lata/ salmão fumado/ peixinhos (bolachas)/sushi do dia anterior...vinho/cerveja artesanal (para os outros é igual ao litro...)</p> <p>Falam sobre filmes. Elas falam sobre um actor incrível. (cena com Emílio) Nenhum actor anda assim tão arranjado. Ele era canalizador. <b>Se fosse mulher</b> nem reparavas... Eu deixava-o fazer-me 2 filhos!!!! Faz um e agora outro!</p>
<p>Rebeca/Raul - gaivote</p> <p>Raul/Mónica - Dank si de of the raul que se a ela</p> <p>Mónica/Rebeca - gato</p> <p>Raul/Rebeca - Beupica/Porto</p> <p>Rebeca/Mónica - blog</p> <p>Raul/Mónica - jogo do gato</p> <p>Raul/Orlando - jantar</p>	<p>A2 – Raul tenta falar de futebol com Orlando ou de cervejas artesanais, mas ele não percebe nada. - <b>Falsas ideias de masculinidade.</b> Possibilidade: Mónica arranja qualquer coisa eléctrica que Rebeca anda a pedir ao Raul para arranjara à séculos (um candeeiro) – <b>Falsas ideias de feminilidade.</b></p>
<p>Raul/Mónica - Dank si de of the raul que se a ela</p>	<p>Podem falar sobre a funcionária da loja: A Rosa, é uma querida, mas parte muita coisa. <b>Raul quer que</b> Rebeca a despeça e propõe-se a falar com ela. A conversa surge mais do que uma vez. - começa na LOJA – continua no jantar.</p>
<p>Mónica/Rebeca - gato</p>	<p><b>Como é que se conheceram?!</b> - Casal: Rebeca e Raul(desdem inicial); Colegas: Orlando e Mónica(empregada em comum); Amigas: Rebeca e Mónica (encontros e desencontros).</p>
<p>Raul/Rebeca - Beupica/Porto</p>	<p>Orlando e Mónica(empregada em comum); Amigas: Rebeca e Mónica (encontros e desencontros).</p>
<p>Rebeca/Mónica - blog</p>	<p>Mónica passa-se com as atitudes de um deles e sai. Qd volta mudaram de lugar. “Ela que volte, <b>nós vamos mudar</b>” (pode ser durante o jogo) TPM. Provavelmente Orlando fala de uma ideia que diz que é dele, mas foi da Mónica. Mais tarde Orlando quando confrontado diz lembrar-se que tinha acabado de fumar um charro quando teve a ideia.</p>
<p>Raul/Mónica - jogo do gato</p>	<p>Orlando fuma um charro. (sozinho ou com o Raul?!) - falam de coisas íntimas/ sentimentos... Orlando - <b>solo chito / Raul quer filhos Rebeca não / E.T. → Pa e q escondem</b></p>
<p>Raul/Orlando - jantar</p>	<p><b>Emojis</b> com personagens (as situações podem servir de assunto para a cena ou podem ser cenas intermédias) – passar para a LOJA</p>
<p>Party &amp; Company</p>	<p>Barulho na cozinha – quem vai lá?! Fazer o quê?! Com que atitude?! - <b>Seu forte</b></p>
<p><b>Final da Festa</b> – Temos de fazer isto mais vezes...</p>	<p>Discursos – Brindes(Champanhe/Rosé): À parceria, à loja, etc... O que interessa é que depois da Rebeca fazer o discurso um dos gajos faz outro <b>mais longo</b>, mas a dizer o mesmo...</p>
<p>Blind Date – no passado Raul e Mónica tiveram um blind date e/ou Rebeca e Orlando.</p>	<p>Relembram os <b>Blind dates</b> e ficam todos encaralhados. Acaba-se a festa. OU <b>Discussão</b> brava entre o casal ou colegas ou todos (gashlighting) seguido de desconforto... já é tarde, vamos embora que amanhã é dia de trabalho. OU o jogo acaba mal. OU Orlando aproxima-se demasiado de Rebeca e Raul passa-se expulsa-o de casa; Mónica – Temos de fazer isto mais vezes... Algo acaba mal. Desconforto. Cada um para seu lado. O casal vai estudar francês – andam à turra e à massa, mas contiua juntos e felizes..</p>
<p><b>Blind Date</b> – no passado Raul e Mónica tiveram um blind date e/ou Rebeca e Orlando.</p>	<p>Orlando agressivo, quer passar logo para a acção; Rebeca tímida: “É o meu colega de trabalho”. Fotos nas redes sociais com fotoshop.</p> <p>Mónica deixa cair o penso. Super à vontade. Raul menos à vontade.</p> <p>Está tudo a correr bem até começarem a falar de signos. Um acredita o outro não.</p>
<p><b>5 Dicas</b></p>	<p>Diferentes estereótipos de género. Diferentes personagens.</p>
<p><b>As mulheres/homens são todos(as) iguais</b></p>	<p>Muito material de situações e estereótipos.</p>

## **ANEXO C – “Do outro lado” – versão final do texto**

### **DO OUTRO LADO**

#### **PRELÚDIO – NO ESCURO**

(à porta)

**Rafa** – É pá! Então?! Isto são horas?!

**João** – Rafa, desculpa o atraso...

**Rafa** – Ya, ya... olha, guarda isto. Tens aqui, para não te esqueceres, o nome da cliente e o nome do projecto.

**João** – Hey! Relaxa, Rafa!

**Rafa** – Pára com isso. Como é que se chama a cliente? .... Lê, caramba! Tens aí no papel!

**João** – Becas! Ya!

**Rafa** – Como é que se chama o projecto?! ... Olha para mim: “Sardinhas e coisas”.

**João** - Hum???

**Rafa** – É o nome da loja! Concentra-te, João!

**João** – Hey! Relaxa, Rafa! Relaxa! Estás muito tensa...

**Rafa** – Ó João, isto é mesmo importante para o nosso gabinete!

**Becas** – Rafa!!! Olá, Rafa! Tudo bem?! Desculpem o atraso...

**Rafa** – Tudo bem, Becas?! .... É o meu sócio: o João.

**Becas** – Olá, João! Finalmente! Já falamos tantas vezes por e-mail, não é?! Desculpem o atraso!

**Rafa** – Tudo bem. Também deu tempo para conversarmos aqui um pouco e ver a fachada!

**Becas** – Boa! Vou propor uma coisa: fechem os olhos! (João abre a boca)

**Rafa** – O que é que estas a fazer?

**João** – Não é para provar nada?

**Becas** – Não, não, não! Fecha só os olhos!

**Rafa** – Fecha os olhos, João...

**João** – Ai não gosto nada disto...

**Becas** – Dá-me a mão! Dá-me a mão! Sem problema... Não tenhas medo, João, que engraçado, ele vem todo encarquilhado!... Por aqui... Por aqui... Podem abrir!

## CENA 1 – O ESPAÇO DA LOJA

### 1.1

**João** – Então, o que é que se passa?

**Rafa** – Uau!!!

**Becas** – É este o espaço!

**João** – Uau...

**Rafa** – Fantástico! Parabéns!

**Becas** – Este espaço tem imenso potencial!

**João** – Isto?

**Becas/Rafa** – Sim.

**Becas** – Tu conheces a minha primeira loja, o “Sardinhas e coisas”.

**João** – Conheço?

**Rafa** – Conhece.

**Becas** – ok, aqui vamos manter o conceito de é uma loja de portugalidades, mas aqui quero Portugalidades marítimas, *expantion, vibration*, vai ser um mergulho noutra dimensão/

**João** – / (batendo com o pé no chão) Isto é mesmo madeira?! Isto é para manter?!

**Becas** – É! Mogno eslavo. É para manter... seguindo esta ideia de portugalidades marítimas, eu quero água na loja.

**João** – Queres vender água?

**Becas** – Não, não, não! Vamos ter mesmo água na loja. Portanto, quero aqui uma laje transatlântica e a água flui pela parede e desaparece aqui num sistema de absorção holandês que entra por aqui para o aquário. Quero um aquário.

**Rafa** – Deixa ver se eu estou a perceber: tu queres montar um aquário aqui, é isso?!

**Becas** – Sim. No chão, na cave! Tem uma cave aqui!

**Rafa** – Ah! Tem uma cave aqui?! Temos de ir ver a cave depois.

**João** – Por acaso eu senti! (salta novamente)

**Becas** – Boa! Vamos ter aqui um vidro por cima, as pessoas vão poder andar por cima, podemos olhar os peixes e o infinito, ver longe. É uma *experience* também.

**Rafa** – Ok. Então só para ver se eu estou a perceber: queres água a escorrer na parede, queres uma fonte, é isso?

**Becas** – Não é fonte, é uma fluidez, uma *vibration*, a água escorre na laje/

**João** – /o que tu queres é água a escorrer pela parede para cima do aquário de vidro e as pessoas andam em cima, é isso?

**Becas** – Exacto, é isso!

**João** – Aah, cheiras a côco!

**Becas** – Obrigada! E eu quero ter aqui peixes autóctones: sardinha, cavala, petinga, carapau, robalinho...

**Rafa** – Ok, então o aquário está aqui em baixo e as pessoas andam por cima e veem os peixes. e tu queres o aquário a ocupar todo o espaço?

**Becas** – Não, só aqui que eu tenho medo que as pessoas enjoem. Vamos manter aqui nesta zona, só.

**Rafa** – Ok. E o mogno é para manter?

**Becas** – É. O mogno é o para manter. Quero também uma loja que não se feche sobre si mesma, quero uma loja que expanda, que tenha contacto com o exterior, que vá para fora e venha para dentro...

**Rafa** – Tipo aquelas galerias, como em França e Milão.

**Becas** – Ok, ok!

**Rafa** – Podemos pensar nessa ideia de expansão e ligar a rua com o interior... O que é que tu achas de deitar esta parede a baixo e trazíamos mesmo a rua cá para dentro... podemos pôr calçada portuguesa aqui.

**Becas** – Calçada portuguesa não. Vamos excluir calçada portuguesa, mas vamos manter esta ideia de deitar a/

**João** – /Becas, estas escadas aqui são o quê?

**Becas** – Isso é as escadas para a cave e para o terraço! Também temos um terraço! Do terraço eu quero que caia um cardume que vem lá de cima por aqui abaixo, tudo em led, ...

**Rafa** – Podemos jogar com isso para o logótipo!

**João** – Imagina, podemos usar as cores do arco-íris como as escamas.

**Becas** – Eu quero uma *transparence*...

**Rafa** – Podemos jogar com isso para o logo... e com o nome podemos fazer um jogo engraçado. Queres manter o mesmo nome da outra loja, “Sardinhas e coisas”?

**Becas** – Não, não, não, não...

**João** – Estás a ver Rafa, para que é que me deste isto? Não preciso disto para nada! (rasga o papel) O nome é mesmo mau...

**Rafa** – Oh, João! Não é por ser mau, é porque o conceito está a mudar.

**Becas** – É. Vamos pensar num nome grande um nome, talvez: “Sardinha para lá de Bagdade”, “Sardinhas para lá de transfronteiras” ...

**Rafa** – “Sardinhas e Coisas 2”.

**Becas** – Isso não. Parece uma churrasqueira. Não, não, não.

**João** – “Sardinhas e mais coisas”.

**Becas** – Não. Vamos deixar que o nome cresça, com o conceito, com a própria loja...

**Rafa** – Olha, nós fazemos várias propostas com o logo e depois tu escolhes.

**Becas**- Boa! Façam isso. Vamos ter aqui também uma linha de sabonetes própria da loja todos em óleo de peixe azul e jojóba, muito bons. Vamos pôr aqui nesta zona.

**Rafa** – Exclusivo da loja?

**Becas** – Exclusivo, sou eu que estou a desenvolver. E agora fechem os olhos, porque tenho uma surpresa. Eu descobri um cantinho que não vinha na planta...venham cá. Fechem os olhos!... Podem vir, podem vir, podem vir... podem abrir os olhos!

**Rafa** – Uau!

**João** – Xau! Isto é tudo teu?

**Becas** – É!

**João** – Posso?

**Becas** – Podes, podes! Á vontade!

**Rafa** – Isto não estava na planta?! ... E tu queres ter isto aberto ao público?

**Becas** – Sim. (João grita no jardim) João, cuidado que isso pica! Anda cá. Então aqui dentro vamos pensar em água e aqui fora em terra. Eu quero *experience* cá fora, *sensation*....vamos pensar em pequenos arbustos para *experience: myrtilles, framboises, strawberries, cacisse*..., também vamos ter erva/

**João** – Erva?

**Becas** – Erva príncipe, erva cidreira, alfazema.

**Rafa** – (a escrever) Frutinha e ervinhas nacionais! Um jardim de sensações...

**Becas** – Vamos pensar num espaço para as pessoas fruïrem.

**João** – Uma zona de *chill out*.

**Becas** – Ok. Eu não gosto do termo, vamos mudar o nome, vamos contar outra história... é um espaço *pour être*. Não quero uma loja só com cacarecada, quero uma loja com arte.

**Rafa** – Ok, podemos pensar em ter uma obra de arte, uma escultura no jardim, por exemplo.

**João** – Posso falar com a a a ... aquela minha amiga... a a Picu!

**Rafa** – Falas com ela, vê se tem algo ligado ao mar.

**Becas** – Boa é esse o espírito!

## 1.2

(Entra Gabi com uma cadeira.)

**Gabi** – Mãos ao ar, isto é um assalto! (assustam-se) Desculpa, eu não sabia que estavas acompanhada, que estupidez...



**Rafa** – Fogo, isto é que foi um susto...

**Becas** – Não faz mal... (aponta) É a Rafa, é o João, é o Gabi.

(Gabi cumprimenta primeiro João e tenta dar dois beijos a Rafa que lhe estende a mão)

**Gabi** – É o pessoal da comunicação? Ah! Boa! Curtiram a loja?

**João** – Este gajo é brutal!

**Gabi** – Brutal é este espaço aqui que nem sequer vinha na planta! É brutal! Dá para tapar e fazer um armazém cinco estrelas. Já viram isto? Isto é enorme!

**João** – Ah! Boa uma claraboia daquele material, como é... fibra fibra de vidro.

**Rafa** – Becas, não era um jardim?

**Becas** – É um jardim. Amor, aí vai ser um jardim! Já te tinha dito.

**Gabi** – Pronto, tu é que sabes.

**João** – Com é que é Gabi, é para pedir orçamento?

**Rafa** – Desculpem, vocês são sócios?

**Gabi** – Não, não! Isto é tudo dela!

**Becas** – Não. É o meu namorado! Ajuda-me imenso aqui!

**Rafa** – Ah! É só para saber com quem é que falamos para tomar uma decisão sobre/

**Becas** – É tudo comigo.

**João** – Como é? Peço orçamento para a claraboia?

**Becas** – Não, não não. Aí vai ser jardim. Orçamento sim, mas é para a laje transatlântica, e para o aquário e para o sistema de absorção.

**Gabi** – Hei, o Bequinhas, vais mesmo pôr a coisa da água ali? Isto não vai correr bem. Eu já te expliquei: tens o chão em madeira, tens o pladur, vai começar a inchar tudo.

**Becas** – Não vai nada, está tudo estudado, porque tem um sistema de sucção holandês que é incrível que eu já vi a funcionar e é muito bom e que vai sugar a água toda para o aquário.

**Gabi** – Pronto, tu é que sabes.

**João** – (Para o Gabi) E também é para pedir orçamento para dentar aqui a parede a baixo, não é?

**Gabi** – Qual parede?

**João** – Esta. (Rafa puxa João para trás)

**Becas** – É esta ideia da loja que vai para fora, que expande, uma loja que não fecha sobre si mesma.

**Gabi** – Como aquelas lojas na Quarteira, que tu entras para comprar uma boia e saís de lá com dois putos ingleses?

**Rafa** – É uma perspectiva!

**Becas** – Oh! Vamos ter também uma gama de louça própria da loja em fibra de côco/

**João** – Por isso é que cheiras a côco!

**Becas** - Ahhh! Ok! A fibra vai imitar a rede de pesca, vamos ter umas saladeiras com um pratinho por baixo para não pingar/

**Rafa** – Design próprio?

**Beca** – Sim, vão ficar ali naquela parede...vamos ter também tremoceiras, azeitoneiras/

**Gabi** – Ó Becas, tu aqui é que podias pôr os galos de Barcelos. Ficavam ao lado das loiças.

**Rafa** – Ah! Galos de Barcelos, está bem, é boa ideia.

**Gabi** – Sim, mas não é Galos de Barcelos tradicionais, são galos transformados: há uns mesmo fixes, tipo Galos de Barcelos vestido de super-homem, ou vestidos de banana/

**João** – Oooooo! Podíamos ter um galo de Barcelos vestido de sardinha!

**Gabi** – Com escamas!

**João** – Xau!

**Gabi** – Um “sardinhalo”!

**Becas** – Ele está a brincar! Ele está a brincar! Já sabes que não quero Galos de Barcelos nas minhas lojas.

**Gabi** – Mas porquê?!!!

**Becas** – Toda a gente vende Galos de Barcelos. Até os indianos!

**Gabi** – Se toda a gente tem é porque vende!

**João** – Ele tem razão.

**Becas** – Não, não quero. Isto não é uma loja de cacarecada aqui.

**Rafa** – João, vamos ver a cave e tirar as medidas para o aquário. Anda.

(Becas e Gabi continuam a discutir e saem para o jardim. Rafa puxa João e saem para a cave também a discutir)

## CENA 2 – MONÓLOGOS

### Becas

(Encontra o dicionário) Oh! Ando há tanto tempo à procura disto! Tenho um carinho especial por ele... era da minha grande-mère. Português-Francês, Francês-Português. Ela era emigrante em França. O meu avô era francês original, mesmo original... de lá de França. O dicionário foi o avô que deu à minha avó porque ela não pescava nada de francês. Como eu ia lá muitas vezes, ela também me ensinou... por exemplo: (usa o dicionário) *c'est notaire*... a forma como eu aprendia o francês

(faz caracóis) Antes de sair tenho de reforçar o caracol... tenho caracóis por causa da minha avó, foi uma ótima ideia... Ela gostava de fazer experiências com o meu cabelo. Um dia fez-me caracóis e fiquei assim! A minha avó era cabeleireira. Tratou muitas senhoras, francesas. Cuidava das pessoas. Elas entravam lá muito em baixo, decadentes mesmo, e saíam de lá com a autoestima em cima. A minha avó dizia: “Observa as madames: têm dinheiro, mas não são melhores que tu.”

(Usa o dicionário) Ela até dizia que elas eram *futil*. Ela às vezes dizia isto. O meu avô é que ensinava a minha avó, tinha muito jeito para ensinar. E também a incentivou a aprender o seu *metier* que é *chevalier de cheveux*.

A minha avó foi sozinha para lá. Foi muito *avant-garde*. “Não sou pessoa para ficar aqui. Quero uma vida melhor. É preciso ir à luta, filha. Não te deixes ficar. Anda, filha, anda que eu estou aqui à tua espera.” E eu ia, cheia de orgulho. Uma vez levou-me ao Louvre. “Quero que vejas isto tudo. Olha, olha bem. Se estes senhores conseguem, tu também podes.”

Já está na hora... pronto... está bom o *forcing*? O *styling*? Eu não gosto de andar descomposta... Vou levar isto porque uma pessoa diz umas coisas em francês e as pessoas ficam assim a olhar para mim de outra forma. Ela ensinou-me mas eu não fixei... gostava de voltar a falar francês que é uma língua muito nobre.

### João

(Encontra a boneca) Hey... A Nancy! Foi a minha ama que me deu! A minha ama é uma espécie de guia espiritual. Está sempre, sempre comigo. Ela gostava de fazer... ventriloquismo. Eu aprendi qualquer coisa. Nancy: oupa! (Esmaga a boneca para ela se sentar direita) Olá Nancy. Olá!” (tapa a boca com um lenço) “Olá pessoas!”

A Dona Mimi era muito gorda, tinha umas pernas muito fininhas, usava o cabelo amarrado em cima e usava placa e nós escondíamos a placa. Era muito querida. Muito bondosa. Ajudava toda

a gente: dava fruta e cenouras, dava injeções, fazia abortos, dava pão... Toda a gente sabia que podia contar com a Mimi.

Eu adorava brincar com esta boneca. A Dona Mimi punha as meninas com os livros na cabeça e eu fazia o mesmo com a boneca... e fazia flexões em frente dela. Um dia a Dona Mimi sentou-me e disse. “Vou ensinar-te a arte de amar!” Era tão querida. “Como podes fazer feliz uma menina? Por exemplo, sempre que vais no carro, abres a porta as senhoras!” Até hoje. São coisas que não sei se fazem sentido. Já me chateei com uma namorada... Também dizia: “Nunca, mas nunca podes virar a cara a dar um beijo” Uma vez apanhou-me a lamber a boneca. Tinha banana na cara. “João Paulo! O que é que estás a fazer?! Ela agora está porca! Está suja!” Xau! O meu amor está porco! “Sempre que vires uma mulher suja, fuge dela.” Até hoje, não consigo ver uma mulher com as unhas sujas. Chega. Não é para mim.

## Gabi

(bebe) Esta tem um toque de aromas cítricos, flores, maracujá... A cerveja é como o vinho, nós é que estamos habituados ao *standard*. Eu prefiro as *Indian Pale Ale* com um travo amargo no final e de sabor intenso. A cerveja artesanal é mais ou menos assim: são feitos apenas 800l seguindo a mesma receita, mas diferem ligeiramente porque é como fazer um hambúrguer em casa. E é um desbloqueador de conversa... e o pessoal gosta sempre de notas cítricas.

E eu já comecei a pensar encomendar o lúpulo. Já tenho a panela de 50l que comprei no *e-bay* e quero começar a fazer. Até podia vender na loja! Vai bem com sardinha, vai bem com tudo! Se a Becas deixar...

Onde é que tenho as fotos dos galos de Barcelos?! Que categoria! Galo de Barcelos com a cabeça do *Dark Vader*! *May cabidela be with you*! Olha dava um bom porta chaves daqueles que se chama por eles...

(bebe)... é melhor parar. Se não fico todo acelerado antes da inauguração... O meu tio Arlindo sempre me disse “Tu tem calma moço! Olha que um carro a gasóleo depois de aquecer nunca mais pára”.

O meu tio Arlindo gosta muito de automóveis. A perspectiva dele é: “Os carros é como tudo na vida. A forma como tu tratas o teu carro é a forma como ele se vai comportar. O tipo de carro que tens é um espelho do que tu és. É como as mulheres: Não é chegar e tá a andar... Ó pá...é quase como andar com um carro a frio. Sabes...tens de abrir o ar, aquecer o motor, checar o óleo...”. Há um certo fundo de verdade no meio disto tudo! Se tirares a parte grosseira, o pensamento está lá, não é?!

Eu acho-lhe piada, mas não quero ser assim. Eu curto carros, mas só em seguros... E eu quero construir uma vida. Uma casa com jardim e barbecue... com o puto a correr. Sou mais um carro tipo um Volvo: fiabilidade. O puto atrás na cadeirinha, o cão na mala, a Becas ao lado, uma prancha em cima, azul escura... que é para não ser preta.

### Rafa

(procura na revista) Onde é que está??...tem aqui uma reportagem sobre um concurso de *pin ups* em que eu participei... está aqui: “No camarim revelam-se uma força poderosa. Deram o melhor umas pelas outras.” Eu estou aqui nesta fotografia... ah!... Estou aqui atrás desta de azul, aqui! (folheia) Está revista é o máximo! Eu não tenho tatuagens, mas gostava... Talvez carpas. São um sinal de força, porque sobem o rio! Começava por baixo, pequeno e ia subindo...

Esta semana tenho outro concurso no *Dark Side* e vou dar tudo! Estive a trabalhar esta posição.... É minha, está registada. Mais ninguém pode fazer. Dá-me adrenalina o concurso. O meu padrinho é que dizia: “Vai Rafinha! Temos de correr atrás da adrenalina. Se nos dá prazer, vale a pena o risco.”

O meu padrinho!... Ele só tinha rapazes e ensinou-me as mesmas coisas que aos meus primos. Ensinava-nos cenas de electricidade: fazíamos pequenos circuitos de corrente e ele enchia a pia e dizia: “mergulha o dedo, mergulha!” e depois ligava o chip da electricidade! “Estás a sentir?!” Ele gostava mesmo!

(Pega no chapéu) ... era dele... Não foi uma questão de saúde. Foi um desequilíbrio de adrenalina. Ninguém fala disto... é assunto *non grato* na família. (começa a chorar) Peço desculpa. Ele era grande e calçava o 47. Era preciso encomendar os sapatos dele...e foi o que fizemos quando ele morreu... Tivemos de esperar 5 dia pelo fato e tudo. E tinha umas mãos lindas. Tão bonitas. Tiveram de cortar... para dar a aliança à minha tia.

### CENA 3 – A INAUGURAÇÃO

**Becas** – Uau! Está lindo, não está?!

**Gabi** – Está, está!

**Becas** – Está com a fluidez certa; os peixes dão-se todos bem.... Funciona melhor do que o que eu imaginava.... Vamos abrir?

**João** – O quê?

**Beca** – A loja, João! .... És tão engraçado!

**Gabi** – Queres uma cerveja, João?

**João** – Sim, sim.

**Rafa** – Eu também quero! Fazemos um brinde!

**Becas** – Eu também quero!

**Gabi** – Ah! Ok! Cerveja para todos!

**Rafa** – Então, Parabéns! (abraça Becas)

**João** – (abraça Becas) Parabéns, fazes anos?

**Rafa** – Não! É a inauguração da loja!

**João** – Claro! Estava a brincar!

(Gabi pousa a bandeja e distribui cervejas)

**Becas** – Ok. Então eu proponho um brinde! Nem acredito que consegui! Consegui!... Mais um projecto que levo avante, que consegui imaginar e conceber e que está aqui à frente e sem vocês/

**João** – /sim, quero dizer que estou muito orgulhoso do que fizemos...e

**Rafa** – Deixa a Becas acabar!

**João** – Peço desculpa.

**Becas** – Sim... eu só queria mesmo dizer que foi incrível o que eu consegui e a vossa ajuda foi indispensável! Não teria sido a mesma coisa sem vocês. Obrigada!

**João** – Um brinde a nós! (Brinde)

**Becas** – Agora sim, vou abrir... (sai. Gabi vai levar o tabuleiro lá atrás)

**Rafa** – Mandaste o convite da inauguração para a *mailing list*?

**João** – Era eu?! Não!

**Becas** – Já está! Está aberta a loja! Agora vão chegar as pessoas.... Estou tão nervosa!

**Gabi** – Também demora. Podemos descontrair um bocadinho! Não vamos ficar a olhar para a porta à espera...

**João/Rafa** – Vai correr bem!

**Becas** – O que é isto? Gabi?! Gabi?! Está tudo manchado!

**Gabi** – Depois limpa-se, passa-se um paninho.

**Becas** – Não! Isto é mogno escandinavo, vai manchar tudo!

**Gabi** – Pronto, eu ponho as cervejas no jardim.

**Becas** – Ó pá .... Dá mesmo mau aspecto. Eu vou buscar qualquer coisa para pôr aqui... (vai buscar papel e volta) Eles disseram logo, por favor, não ponha nada aqui...(limpa)

**Rafa** – Tem calma, isto aqui quase não se vê.

**Becas** – Vê-se daqui! Ai...

**Rafa** – Tem calma! Hoje é dia de festa!

**João** – Amanhã pensas nisso, agora sorri! Tens um sorriso tão bonito.

**Gabi** – Pronto, está tudo bem (abraça-a) Já comeste alguma coisa hoje?

**Becas** – Oh! Ó amor, não trouxeste nada para comer, ficaste de trazer comida, Gabi.

**Gabi** – Hey, esqueci-me... eu vou buscar qualquer coisa... (sai)

**Becas** – As pessoas vão chegar e não há nada!... Eu acho que tenho uns amendoins no carro, vou buscar... (sai)

**João** – Hey já está tudo patinhado! (limpa) Lá para o raio dos peixes...vão morrer!

**Rafa** – Deixa lá isso, não é problema nosso! Estás para aí de rabo para o ar, pareces uma fada do lar!

(Entra Débora. Passeia pela loja.)

**Becas** – (entra) Tinha razão, estão aqui. Amendoins, Querem? Boa tarde! Bem-vinda!

**Debora** – Hi!

**Becas** – Hi! Français?!

**Debora** – No! English! From Canada!

**Becas** – Français!

**Debora** – No, just English! Very beautiful! It's so typical! I have a blog about handcraft stores around the world... I think I'm gonna write about this one...

**Becas** – It's a different concept. It's about seaside country...

**Debora** - Do you have those little traditional cocks? I think they are from Barcelos?!

**Becas** – No, no! It's a different concept. You have those in the Indians around the corner, but you can look around, there are a lot of things here much more interesting...

**Debora** – Ok. I want to buy one. They are so colorful. Thank you!

**Becas** – (vai atrás dela) ... It's a new store concept, a *sensacion vibracion concepcion*. You can write that! And the fishing net represents the portugality, we are a big sea country, very rich sea....(sai)

**Gabi** – A Becas?

**Rafa** – Foi atrás de uma cliente...

**Gabi** - Trouxe uns acepipes. Vou pôr lá fora.... Olha! Ó João?! Anda cá! (João e Rafa vão ver)  
Se a Becas vê isto vai-se passar.

**João** – Ora segura aqui, eu resolvo isto... (mata a toupeira)

**Gabi** – João, João...era uma toupeira, bastava pôr para o lado...

**Rafa** – Caramba João! O que é que tu fizeste, João!?! (a choramingar) Está tudo nojentto, tudo estragado!

**João** – Então, não ia ficar ali!

(Entra Mário. Rafa vai para o jardim chorar e recuperar)

**Mário** – A Dona Rebeca Marques, está? É aquela senhora?

**Gabi** – Não. É uma amiga.... A Dona Rebeca não está, acabou de sair, mas já volta...

**Mário** – Mas é aqui o “Pataniscas de amor”?

**Gabi** – “Sardinhas de amor”.

**Mário** – Tenho uma encomenda para Dona Rebeca. Ela não está?

**Gabi** – Não, mas eu posso assinar. Sou o namorado dela.

**Mário** – Não. Tem de ser à própria com cartão de cidadão.

**Gabi** – Só se quiser esperar...

**Mário** – Não posso esperar. Eu tenho tempos de entrega. Eu posso fazer a ronda e passo por aqui no final, mas não posso prometer, isto assim...! (sai)

**Gabi** – Pronto, boa ronda!

**Rafa** – (entra) Eu estou bem. E agora quem é que arruma a toupeirinha desfeita?!

**Gabi** – Vou ter que arranjar qualquer coisa...uma caixa...

**João** – Não há problema, até está atrás da estátua. Disfarça. Por acaso a estátua foi uma grande ideia brilhante. Ainda bem que me lembrei disso.



**Rafa** – Tu? Tu só falaste com a tua amiga!

**João** – Relaxa, Rafa! Já se trata disso...

**Rafa** – Não me toques que eu não gosto que me toquem.

**João** – Estás com período?

**Rafa** – A sério? Vou mas é apanhar ar. (sai. Cruza com Becas)

**Becas** – (entra) Vamos ter um artigo num blog canadiano! Está confirmado! Vai falar sobre a loja... Onde vais?

**Gabi** – Vou buscar uma... eu já volto.

**Becas** – Olha, Gabi! Foi a nossa primeira cliente, a canadiana!

**Gabi** – Fixe! Levou alguma coisa?

**Becas** – Não.

**João** – Queria um Galo de Barcelos.

**Gabi** – Oh! Estão a gozar comigo...(sai)

**Becas** – Não, era mesmo.

**João** – É verdade... (pausa)

**Becas** – Vou aproveitar e vou comer qualquer coisinha. Estou cheia de fome. O Gabi pôs os acepipes no jardim?!

**João** – Ó Becas, deixa-te estar. Pode aparecer alguém... já deste de comer aos peixes?

**Becas** – São tão bonitos!

**João** – Qual é que gostas mais?

(Entra Rosa)

**Rosa** – Ai menina Becas! Eu peço desculpa pelo atraso. Nem imagina o que me aconteceu hoje de manhã. Dois beijinhos. Tudo bem? Olá menino João. Estás bom? Então não é que se me deu um jeito às costas que me apanhou a perna daqui ao pescoço, que se não fosse o meu António a passar-me o voltaren eu hoje não conseguia vir, amor...estou-lhe a dizer.

**Becas** – Dona Rosa, agora não que estamos a inaugurar a loja...

**Rosa** – Ah! Pronto! Está a correr bem? Eu vou só tirar aqui este patinhado! (começa a limpar) Isto está cheio de água!

**Becas** – Não se preocupe com isso que é mesmo assim.

**Rosa** – Ai é? Então vou só dar um jeitinho às casas de banho.

**João** – Ó Dona Rosa, já que aqui está, pode vir aqui ao jardim, se faz favor?

**Rosa** – Posso sim, mas devagar que isto hoje está difícil... .. ó menino João por acaso ando para lhe perguntar, você sabe o número daquela clínica, você esteve lá dois meses e veio de lá muito bonito! (sai para o jardim)

(Entra Bruno)

**João** – Bruno! Becas, deixa-me apresentar-te o Bruno, um amigo meu.

**Bruno** – Então meu? É esta a loja que fizeste?

**João** – É... Olha, apresento-te aqui a Becas a dona da loja.

**Bruno** – Aí tu é que és a Becas! Olá Becas! (beijinhos e cheira-lhe o cabelo) Ganda loja!

**Rosa** – Ainda estava viva, amor!... (Becas vai ter com ela)

**Bruno** – Cheira mesmo a côco! [e tem umas mamas!]

**Rosa** – Olhe, já tudo tratado, não sei se era católica ou não, mas fiz-lhe um mausuleuzinho com uma cruzinha. Tudo direitinho. Ó menina, por acaso não tem aqui daqueles Galinhos? A minha sobrinha faz anos e queria um pingarelho para o espelho do carro!

**Becas** – Não tenho. Tem ali nos indianos em frente. ...

**Rosa** – (de saída) Indianos?! Não vou lá! É pior que os chineses... é verdade, amanhã venho às 3h, está bem?

**Becas** – Venha às 8h que a loja abre às 9h.

**Rosa** – Às 8h não vai dar, tenho uma consulta para a minha cunhada.... Venho às 3h.

**Becas** – Às 8h, Dona Rosa.

**Rosa** – Pronto, amor, às 3h, então.

**Becas** - Bruno, bem-vindo à loja! Podes ver o que é que temos aí, estás à vontade...

**Bruno** – Ó Becas? Precisas de alguém aqui para a loja?

**Becas** – Para já não!

**Bruno** – Se precisares lembra-te de mim. O João disse que eras simpática, eu também acho...

**João** – O que é que aconteceu na Fernandes?

**Bruno** – Já não trabalho lá. Aconteceu um baralho lá e começaram a vir para cima de mim e eu disse xau até logo! Não quero confusões para cima de mim.

(Entra Gabi com uma caixa)

**Becas** – O que é isso?

**Gabi** – É para, eu só vou ali ao jardim... (João faz-lhe sinais) Ai, não...

**Becas** – É para quê, Gabi?

**Gabi** – Nada, é para depois levar as garrafas vazias...

**Bruno** – É este o corno? Ela é boa!

**João** – Bruno. Anda lá fora comigo!

**Bruno** – Ele está com pressa. Becas, é a peixaria mais linda que eu já vi. Até logo! (saem os dois) Está feito? É preciso isqueiro?

**Becas** – Ó mor, o que é esse mausoléu ali fora?

**Gabi** – Aquilo são coisas da Dona Rosa, sabes como é que são velhotas... deve ser para rezar quando vem aí... depois pomos um arbusto. Olha, se calhar não é a melhor altura, mas já que estamos aqui sozinhos e é preciso marcar hotel: tenho uma surpresa para ti.

**Becas** – Que bom! Onde vamos? A Roma?

**Gabi** – Não! Vamos a Lisboa.

**Becas** – A Lisboa?

**Gabi** – Arranjei uns bilhetes para o Benfica-Porto. É no dia dos teus anos! Vamos os dois. Pensei que podíamos almoçar, depois íamos ver o jogo, no dia seguinte íamos a Belém comer um pastel...

**Becas** – Estas a brincar, não estás?

**Gabi** – Não.... Estava! Estou! Estou a brincar!

**Becas** – Vamos a Roma, então?

**Gabi** – É! Vamos!

**Becas** – Que bom! Que surpresa boa!

**Gabi** – Para mim também...

(Entra Íris)

**Becas** – Olá! Esteja à vontade! Se precisar de ajuda...

**Íris** – A Rafa? (Entra a Rafa. Abraçam-se, cumprimentam-se.) Andas desaparecida! A tua loja está linda!

**Rafa** – Obrigada!

**Iris** – Parabéns pelo teu trabalho! Está muito bonito, tudo!

**Rafa** – Obrigada!

**Iris** – Isto da água, podemos levar para o nosso show no *Dark Side*!

**Rafa** – Fala baixo! Eles não sabem nada. Deixa-me apresentar-te: Gabi... Becas, a dona da loja...O Gabi, o namorado da Becas.

**Iris** – (cumprimenta-os e apalpa Gabi) Que grande!... Só vim mesmo dar um beijinho e ver o teu trabalho, está lindo, Rafa! Parabéns! Vou para a Festa Romana. Queres vir?

**Rafa** – Hoje?! Eu não...não posso, tenho aqui a inauguração.

**Íris** – Não sabes o que perdes. Beijinho! Que giro! Posso mesmo passar? Uau! Fresquinho! (salta na água) Que boa ideia Rafa! Beijinhos! Adeus! (sai)

**Becas** – (toca o telemóvel) É a Mariana! A minha amiga que vem cantar. Estou?! Tou?! ... Não tenho rede aqui?! Eu já volto...Amor, tens de ver isto da rede, não tem rede aqui na loja... Mariana? (sai)

**Gabi** – Tu, sabes qual é a diferença entre um relógio e uma porta? O relógio, tic tac, e a porta toc toc...T, gostas de futebol? Esquece, que pergunta estúpida. Eu dou ao João. (entra João) João, tenho dois bilhetes para ti para o Benfica-Porto. Ficas a dever-me uma!

**João** – Mas eu não gosto de futebol?

**Rafa** – Tu gostas de futebol? A sério? Deves ser o único gajo que eu conheço que não gosta de futebol.

**João** – Tens isqueiro? (Rafa dá-lhe o isqueiro e ele sai)

(Entra Raul)

**Raul** – Gabi!

**Gabi** – Como é que é Raul?!

**Raul** – Trouxe Super Bock.

**Gabi** – Cerveja é cerveja não se desperdiça nada. Queres uma? Olha é a Rafa! Vou por isto lá fora! A Rafa também ajudou aqui! (sai)

**Raul** – Olá! Trabalhas aqui? Na caixa?

**Rafa** – Faço parte da equipa de comunicação e marketing. Desenvolvemos o conceito, os materiais...

**Raul** – Heish! Que chunga! Uma infiltração! É pena!

**Gabi** – É mesmo assim. Eu vou-te explicar!

**Rafa** – Tem um sistema de absorção holandês que foi pensado mesmo para aqui, porque eles são especialistas em dicks e isto é um mini-dick, até podes andar por cima, é um sistema rotativo...

**Raul** – Ó Raul, desta eu não gosto. É das moderninhas, prefiro super-bock.... Olha, tenho que bazar, passa lá em casa para ver o jogo, daqui a pouco.

**Gabi** – Não posso.

**Raul** – Quê? A namorada não deixa?!

**Gabi** – Não é isso! É a inauguração!

**Raul** – A namorada não deixa! Pronto, manda beijinhos à patroa. Se quiseres passar lá depois está à vontade. Tu também!

**Gabi** – Olha... para a frente, se não caís! Olha, se eu não te chamasse onde é que tu ias?

**Raul** – Para casa. Oh! (sai)

**Gabi** – Então vai! (pausa) Este Raul é fixe! Gostou de ti!

(Gabi e Rafa sozinhos. Silêncio constrangedor)

**Gabi** – Sabes o que é um boomerang que vai e não volta?

**Rafa** – É um pau.

**Gabi** – É.

**Becas** – (entra) A Mariana ligou, mas não percebi nada.... Deve estar a chegar, deve estar num túnel ou assim...

(Entra Irene)

**Irene** – Beki, meu amor! Estou tão contente por ti, meu amor!

**Becas** – Olá mamã.

**Gabi** – Olá, Dona Irene.

**Irene** - Que lindo espaço, minha filha. Já vendeste alguma coisa?

**Becas** – Ainda não, mamã! Diz olá ao Gabi, mamã.

**Irene** – Olá! (revira os olhos, chama a filha) O que é que este estafermo está aqui a fazer?

**Becas** – Ó mamã, hoje é a inauguração!

**Gabi** – Vou desamparar a loja! (sai)

**Irene** – Ao menos traga-me alguma coisa para beber! Cassis. Depressa!

Gabi – Não prefere uma água para hidratar?

**Becas** – Ó mãe por favor! Mãe, deixa-me apresentar: é a Rafa!

**Rafa** – Olá, é um prazer!

**Becas** – A Rafa faz parte da equipa de comunicação que me ajudou aqui...

**Irene** – Ai que bom! A minha filha é o máximo! Cheia de ideias! Sai a mim! Parabéns, meu amor! Fico contente por saber que te estás a realizar, mesmo com esta chafurdice toda! Foi aquele estafermo que fez isto, não foi?!

**Becas** – Mãe, não é chafurdice, é um conceito novo de loja. Provocar *sensacions*.

**Irene** – Sim. Provoca, sim... Ai filha, toda maltrapilha, olha esse cabelo, meu amor! Estou sempre a dar-te aquele óleo de côco tão bom e tu andas assim?

**Becas** – Eu uso, mamã.

(Entra Mariana)

**Becas** – Mariana! Está tudo bem? Há pouco não te consegui ouvir ao telefone...Ó Rafa, esta é a minha amiga Mariana Maio que vem cantar hoje... (cumprimenta Rafa)

**Irene** – E a cantora do batizado?

**Becas** – Sim.

**Irene** – Oh! Querida! Canta tão bem! (cumprimenta-a)

**Rafa** – Boa! Vou buscar o microfone.

**Mariana** – Querida! Não vale a pena! Estou afónica. Não vou conseguir cantar!

**Becas** – Ah!...Não podes?

**Irene** – Ai, isso pega?

**Mariana** – Não, não, não! Não pega, mas não vou poder cantar. Se quiserem tenho um cd no carro. Desculpa, querida!

**Becas** - Não consegues cantar baixinho? Só um bocadinho?

**Rafa** – Mas eu trouxe o microfone!

**Mariana** – Desculpa, amor. Aqui está muito húmido! Anda lá fora e falamos... Eu tenho de ir para casa descansar a voz, só vim aqui para te dar um beijinho. Desculpa...

**Becas** – Ó Mariana, eu não me acredito que isto está a acontecer... (saem as duas)

**Irene** – Ai aquele cabelo parece um ninho de ratos.

**Rafa** – Quem, a Mariana?

**Irene** – Não, a Becas!

**Rafa** – Obrigada!

**Irene** – Nestas coisas a Beki sai ao pai, é uma desgraça. Olhe a menina... está tão charmosa! Que bonita, elegante, cinturinha de vespa... Eu também fui assim... chamavam-me Twiggi.

(entra o Gabi)

**Gabi** – Já tenho aqui o seu Cassis. Vou sou buscar um copo. (sai para o jardim)

(Entra Manuel)

**Manuel** – Irene.

**Rafa** – Eu vou guardar o micro no carro. Pode passar, isso é vidro temperado. (sai)

**Gabi** – Sr. Manuel! Tudo bem? Dona Irene, está aqui o seu Cassis. Sr. Manuel, quer uma cerveja?

**Manuel** – Quero.

**Irene** – Não te vais pôr a beber agora. Vai-te fazer mal!

**Manuel** – Ó, Irene! Olha que bonito. A nossa filha tem cá umas ideias. Sai a mim.

**Irene** – (bebe) O que é isto? Ele está a fazer de propósito! Ele está a tentar matar-me!

**Manuel** – Ó Irene! Ó Irene! ... Não liguês. Está um bocado nervosa! Está nervosa com a inauguração. A minha filha tem muito bom gosto.

**Irene** – Vais ficar do lado dele? Dá-me as chaves do Carro.

**Manuel** – Isto era escusado, Irene. (sai)...

**Manuel** – Afinal o que é que lhe deste?

**Gabi** – Cassis. Porra! Isto é mesmo mau! (pousa o copo na madeira)

(Entra Victor)

**Manuel** - Tu não liguês. Ela anda nervosa com isto da inauguração da loja da filha, também anda consumida com uns afrontamentos, boa tarde, também anda consumida com isto de vocês não se decidirem...

**Gabi** – Sabe como é, Sr. Manuel. Isto de juntar os trapinhos tem muito que se lhe diga. Só para marcar a data... um dia um não pode, no outro dia o outro está a trabalhar. Mas não se preocupe.

**Manuel** – E a minha filha, onde está?

**Gabi** – Ela está lá fora a falar com uma amiga. Ela já vem. (Entra João) Deixe-me apresentar: João, é o pai da Becas. O João esteve aqui a trabalhar com a Becas.

**João** – Uau! Parece mesmo a Becas! É mesmo parecido! Cara de um focinho do outro! (Gabi vai ter com Victor) E cheira a côco, também!

**Manuel** – São uns óleos que a minha mulher arranja para fortalecer o cabelo e o funículo. Queres?

**João** – Não, não...

**Manuel** – E trabalha com a Becas?

**João** – É. Fui eu que tive estas ideias dos conceitos.

**Manuel** – Não, foi a minha filha?

**João** – A sua filha teve algumas ideias. Mas eu é que tive mais... trabalho de equipa.

**Manuel** – Pronto, vou ver se a minha esposa ainda está chateada. Se não fico 3 dias a dormir no sofá. Gabi, até logo, pá. (sai)

**Gabi** – Até logo, Sr. Manuel.

**Gabi** – Ó João anda aqui falar com este senhor.

**João** – Senhor?

**Gabi** – O João fez o design da loja ele sabe melhor que eu. (cumprimentam-se) O senhor Victor estava aqui a perguntar sobre o conceito da loja. Quer beber alguma coisa?

**Victor** – Vinho. (Gabi sai) Queria que me falasse... porque estou a pensar em investir nesta área e fazer uma loja do género em Milão e queria que me falasse do conceito e de que forma é que pretende evoluir e expandir.

**João** – Inspirei-me em lojas italianas para estes conceitos ...

**Victor** – Quais, querido?

**João** – Querido!!!... Umas ideias que a minha equipa trabalhou sobre o conceito: trazer a rua para dentro; e a ideia de uma loja de portugalidades marítimas, uma loja de *sensations*.

**Victor** – É o director de equipa criativa? A ideia é sua?

**João** – Sim, sou!

**Becas** – Olá! Sou a Becas, a proprietária da loja!

**Victor** – Sim, estava aqui a falar com o seu *creative manager* sobre o conceito que desenvolveu aqui...

**Becas** – Criador!?! Sim, faz parte da equipa criativa que me ajudou! Sim.... Estava na *mailling list*?

**João** – Eu vou buscar qualquer coisa para beber! (sai)

**Becas** – Sim, é um conceito diferente, criei uma loja de *sensacion*, em que as pessoas podem ter diferentes experiências... por exemplo, temos um jardim incrível com frutos portugueses que pode experimentar, e temos arte no jardim, uma escultura lindíssima! Pode ir ver, esteja à vontade... (Victor sai para o jardim, Gabi trás uma cerveja)

**Becas** – Dá-me um golinho. Isto é com cada um... Ai, oh Gabi, o que é isto? Já disse para não pões nada aqui...

**Gabi** – Ah! É o Cassis, foi a tua mãe.

**Becas** – Mas aqui não, já se sabe que aqui não se pode pousar nada.

**Gabi** – Está bem, mas eu não lhe posso dizer nada. Para já ia-me contrariar, e depois anda com uns afrontamentos, disse-me o teu pai.

(Entra Leonor pelo jardim)

**Gabi** – Podemos ajudar?

**Leonor** – Isto é..

(Entra Fernando)

**Becas** – Mas eu não vi ninguém a passar... por onde é que entraram?

**Leonor** – Pelo buraco...



**Becas** – Vieram ver a loja?

**Fernando** – Anh?

**Leonor** – Viemos.

**Fernando** –Vieste ver a loja?

**Leonor** – Eu não vim ver a loja...

**Gabi** – A saída é por ali.

**Leonor** – É melhor ir embora.

**Becas** – Querem comprar alguma coisa?

**Fernando** – Queres comprar alguma coisa, Leonor?

**Becas** - Temos saladeiras em rede de fibra de côco com um pratinho por baixo para não pingar, temos também umas coisas para os bolinhos de bacalhau para eles não penderem para o lado, temos umas azeitoneiras...

**Fernando** – Queres alguma coisa, Leonor?

**Leonor** – Pode ser uma saladeira...a última partiste-ma na cara!

**Fernando** – Eu não parti, partiu-se. Quanto custa?

**Becas** – 48€.

**Fernando** – Ó Leonor, tu trabalhas? Ó Leonor, tu ganhas?

**Leonor** – É melhor ir-me embora! (sai)

**Fernando** - (cumprimenta Gabi) Você devia ter vergonha na cara. (sai)

**Becas** – Ai, estou de rastos!

**Gabi** – Sabes o que é? É o inconveniente de ter uma loja com a porta aberta ao público, apanhas com tudo...

**Becas** – Será que estavam na mailling list?

**Gabi** – Espero que não.

**Becas** – E que história é aquela do buraco?

**Gabi** – Deve ser coisas da Dona Rosa, sabes como ela é, parte tudo.

#### CENA 4 – PREPARAÇÃO DA FESTA

**Becas** - Convidei a Rafa e o João para um jantar cá em casa para comemorar o sucesso da inauguração da nova loja. Eles foram incríveis, ajudaram-me imenso e merecem este carinho... Eles são uns amores e têm muita garra!

**Gabi** - Vamos lá escolher uma cervejinha para o jantar. (bebe) Acho que a Becas vai gostar desta... (bebe outra) mas se lhes der uma cerveja mais esquesitinha sempre testo os gajos... Se são criativos têm de estar abertos a novos paladares. O João de certeza que bebe, ele emborca tudo! O gajo é fixe. Relaxado... parece o meu tio...

**Becas** – A Rafa já conheço há anos... ela andava sempre com uma capinha debaixo do braço, na escola, e mostrava os desenhos dela e eu “Esta chavala tem qualquer coisa”. Depois quando abri o “Sardinhas” pensei: Rafa. Por acaso cruzamo-nos na rua e ela estava com a capinha! Ela tem o seu lado misterioso, eu acho piada... mas é um bocado intriguista... ela diz coisas do João que ele lhe rouba as ideias e que é aluado, mas ele está sempre muito atento ao que eu digo. Ele é muito engraçado! Tem cada saída! Eles abraçaram bem o projecto e sem eles eu ia lá na mesma, mas não era da mesma maneira...

**Gabi** – Aquela dupla que ela arranjou para a comunicação é que ... a Rafa... tem ali qualquer coisa que... que...não sei... sabem quando tu olhas para um carro desportivo e tu dizes: não era este que eu comprava, mas que entusiasmo... O que é certo é que ela é extremamente profissional, completamente focada.... E depois trabalha lá com o João, o gajo é fixe... é um gajo mais solto, mais terra, não percebe nada de futebol! E se mudar o assunto para uma almoçarada, ele alinha.

Por falar nisso...E se eu fizer peixe... Robalo! Será que iam perceber a piada?!... É melhor fazer o frango que a Becas pediu... Ela também quando embica para um lado... chiça! A Becas é uma companheira de uma vida. Tem altos e baixos.

**Becas** - Já pedi ao Gabi para pôr aqui um espelho, mas ele... O Gabi, eu admiro-o muito. Ele faz aquelas coisas tac tac tac... mas ele depois mostra um lado que ninguém sabe, que é espectacular...

**\*\*\*Troca\*\*\***

**Becas** - Já pedi à Gabi para pôr aqui um espelho, mas ela... A Gabi, eu admiro-a muito. Ela faz aquelas coisas tac tac tac... mas ela depois mostra um lado que ninguém sabe, que é espectacular... Por exemplo, eu gosto de pensar em coisas novas aqui para a casa, gosto de mudar tudo! E às vezes é difícil arrastar os móveis, mas a Gabi alinha sempre e tem jeito para

arrastar coisas. Eu digo, vai para aquele lado e ela vai... somos uma boa equipa.... e outras coisas também... e com o “Sardinhas” ele também me tem apoiado imenso...

**Gabi** - Estou super entusiasmada com o projecto do Becas! A loja ficou bem bonita! O meu trabalho é muito cinzento, os computadores e tal... para mim é desafiante, eu gosto... mas às vezes é um pouco monótono e ter algo... sei lá... mais palpável, mais *craft*, é fixe! Companheirismo também é isso. Ele conseguia fazer aquilo tudo sozinho, na boa... aliás (sinal Hitler) ela para aceitar ideias... Mas se calhar é mesmo assim: é determinado, tem uma personalidade forte. É um facto que eu às vezes sou desleixada, mas porra!... também não é assim uma coisa...

**Becas** - Noutro dia pedi para ela fazer... era uma coisa diferente, umas prateleiras assim com desníveis e ela pôs tudo direito! “Ah! Ia cair tudo!” Não ia nada porque eu tinha lá umas traves!!... fiquei fulo!

## CENA 5 – O JANTAR

**Becas** – (lê texto em francês da revista *Marie Claire*) .... Soa bem?

**Gabi** – Soa bem! Soa francês.

**Becas** – (Continua a ler) ... vê aí o que é...

**Gabi** – (procura no dicionário) ... não encontro... deve ser isto: é considerado como...

**Becas** – (lê qualquer coisa sobre Roma) Roma! Olha, amor! Roma! E diz aqui que é romântico!

Por acaso foi mesmo uma surpresa bonita, amor!

**Gabi** – É! Eu sei programar surpresas. Até para mim.

**Becas** – (Continua a ler) *Aujourd d'hui la visite est terminé...*

**Gabi** – Por falar em visitas, a que horas é que combinaste com eles?

**Becas** – Às oito!

**Gabi** – Já são oito! Eu vou pôr isto lá dentro.

**Becas** – É pá! Distraí-me. Que disparate. Vou pôr a mesa.

(ouve-se qualquer coisa a partir)

**Gabi** – Becas? Becas!?

**Becas** – Gabi?! Gabi?!... Eu parti, Gabi!

**Gabi** – O quê?

**Becas** – A loiça que trouxe da loja para o jantar. Parti! Parti tudo! Os pratinhos debruados com latinhas de atum, a travessa em forma de sardinha, a....

**Gabi** – A terrina do polvo também?

**Becas** – Sim. A molheira em forma de caranguejo. E agora o que é que eu vou fazer? Gabi, tu sabes quanto é que aquilo custa?

**Gabi** – Mais ou menos, tenho uma ideia.

**Becas** – E agora, Gabi?

**Gabi** – Pronto, deixa lá. Dizemos que foi na loja e o seguro paga.

**Becas** – O seguro paga?

**Gabi** – Paga!

**Beca** - Ai que bom! Obrigada, amor! Eu não sei o que fazia sem ti, sabes?. Ainda bem que fizeste o seguro!

**Gabi** – Eu não fiz o seguro.

**Becas** – Estás a brincar! Como assim, não fizeste o seguro?

**Gabi** – Tu é que tens de fazer o seguro!

**Becas** – Mas tu que estás sempre agarrada ao tac tac tac, não disseste que ias procurar os preços, as condições...?

**Gabi** – Ó Becas, desculpa lá, uma coisa é eu procurar, outra coisa é eu fazer o seguro! Eu não sou a proprietária da loja! Tu é que tens que assinar! Eu nem sequer a porcaria de uma encomenda posso assinar!

**Becas** – Mas depois dizias-me como é. Tu não disseste nada/ (continuam a discutir até baterem à porta)

**Gabi** – Eu vou ver quem é. Olá Rafa! Tudo bem?! Becas, é o Rafa!

**Rafa** – Olá! Tudo bem! Trouxe uns aperitivos para o jantar! Espero que gostem.

**Gabi** – Que fixe! Peixinhos! Queres que guarde o saco no quarto?

**Rafa** – Pode ser! Obrigado!

**Gabi** – (pega no saco) Tens aqui um saquito todo catita! Com uns bichinhos.

**Rafa** – É um saco. Um *tote bag*.

**Gabi** – Está bem. Tu é que sabes!

**Rafa** – É linda a vossa casa! Compraram?

**Becas** – Estamos a pensar comprar, sim.

**Gabi** – (volta) Eu vou pôr a mesa. (para Rafa) Não se importam? Isto é um jantar descontraído!

**Rafa** – Claro! Queres ajuda?!

**Gabi** – Deixa-te estar! Não é preciso. (vai à cozinha)

(Gabi vai pondo os pratos na mesa)

**Becas** – E projectos novos?

**Rafa** – Sim, estamos agora aí com uns projectos novos em mão. Projectos enormes... Olha! Ainda tem o preço!

**Gabi** – Ah! São novos! É um novo polímero que apareceu agora, como é condensado não contamina a comida e realça o sabor natural dos alimentos. É uma novidade. (pausa)

**Becas** – É da fábrica do meu pai. É um *polimère suéc*.

**Gabi** - E a João?

**Rafa** – Pois, ainda não chegou... é normal. É mesmo atrasada! Da outra vez que combinamos com um cliente, ela chegou uma hora e meia depois... e ia mandando umas SMS a dizer: “estou quase” e smiles e GIFs e MMS com fotos no autocarro, da torre dos clérigos... Nisso ela é uma bem-disposta...

**Gabi** – Ah! A gaja tem mesmo piada!

**Becas** – Ela é muito engraçada.

**Rafa** – É, é... é uma atrasada muito engraçada, mesmo.

**João** – Becas! Becas!

**Rafa** – Olha, ai está ela.

**Becas** – Eu vou abrir! (Rafa e Gabi ficam sozinhos em silêncio)

**João** - Becas! Estou aqui, segue a minha voz!

**Gabi** – Sabes aquela: ó pai natal, róis as unhas? Rô rô rô!

**João** – Uau! Que lindo que estás! Uau! Ah! Ainda cheiras a côco!

**Rafa** – Ainda bem que chegaste, caramba! Já estava aqui a torcer-me todo!

(Rafa cumprimenta Gabi)

**João** – Então porquê? (Para Becas) Trouxe aqui uma prendinha. Fecha os olhos! Ah! Estou a brincar! Abre, é para ti!

**Becas** – (Abre a prenda) Que giro!

**João** – Fui eu que fiz, dá para pôr no cabelo, podes usar assim, ou assim...

**Becas** – Adorei. A sério. O que achas, amor? Ah! Isto parece uma rede, podíamos vender isto lá na loja! Bem, mas este é meu. Vou guarda-lo.

**Gabi** – João, queres uma cerveja?

**João** – Sim.

**Gabi** – Vou buscar.

**Rafa** – Gabi, eu também quero!

**Becas** – Amor, trás para mim também!

**João** – Hey, olha pratos de plástico.

**Rafa** – Está quieta que isso é um polímero novo.

(Gabi volta com as cervejas)

**Becas** – Então proponho um brinde! Quero dizer que estou muito contente por vos ter aqui em casa para comemorar o trabalho que fizemos/

**João** – Eu estou muito contente por estar aqui, fiquei muito contente com o meu trabalho, e com o resultado da loja e ...

**Rafa** – João, deixa o Becas acabar.

**João** – Ah! Peço desculpa.

**Becas** – Quero brindar ao nosso trabalho, eu sem vocês teria conseguido, mas não seria da mesma maneira. Um brinde a nós! (brinde e bebem)

**João** – Agora só falta pagar a última tranche.

**Becas** – Desculpa?

**João** – A terceira tranche, ainda falta pagar. Por acaso trago ali os papéis se quiserem podemos....

**Rafa** – João, não é momento para isso.

**Gabi** – Ah! Nós já passamos tudo ao contabilista, ele vai tratar de tudo.

**Becas** – De qualquer forma o último pagamento é 60 dias depois da inauguração como está no contrato.

**Rafa** – Não. Eu redigi o contrato com o advogado e não é assim, era logo após o trabalho terminado, mas agora também não é momento para falarmos disso.... Vemos isso amanhã. Hoje festejamos.

**Gabi** – Querem sentar?!

**João** – Sim, vamos...

(Sentam-se à mesa)

**Gabi** – Que fixe que estão aqui! João, viste o jogo d'ontem? o Oliveirense vs. Moreirense? Que grande golo do lateral esquerdo! Mas o homem do jogo foi o Almeida!

**João** – Foi um super-homem.

**Rafa** – Foi super-homem?

**Gabi** – Muito bom!

**João** – E como é que vocês se conheceram?

**Rafa** – Ó João! Não têm de responder.

**João** – Qual é o mal? Relaxa, Rafa!

**Becas** – Não há problema! Foi numa festa! Dos irmãos Barbeda.

**Rafa** – Eu conheço!

**Becas** – O Pedro e o Ricardo?

**Rafa** – Não. A Filipa e o Francisco.

**Beca** – Ah! Não. Mas foi giro porque eu olhei para ela e não liguei assim muito.

**Gabi** – E eu olhava... eu era mais na minha, mais acanhada e achava que ele era muita areia para a minha camioneta. Ele vinha e eu achava que ele estava a gozar comigo. “Queres tomar um copo” e eu “Deixa-te dessas coisas” e bazava.

**Becas** – Eu achei piada!

**Gabi** – É por isso que eu gosto dele, quando mete uma coisa na cabeça...

**Becas** – É preciso partir pedra! Corri atrás, começamos a conversar... demos tempo, deixamos a coisa respirar e aqui estamos nós

**João** – Há quanto tempo?

**Becas** – 5 anos, já.

**João** – Ai é?!

**Becas** – Sim! E vocês como é que/

**João** – Nós?! Ah! Nós não não.... ele não...

**Rafa** – É uma história engraçada. Foi a Dona Rosa? Um dia o Sr. António deu-lhe um smartphone, um Huawei, e começou a mostrar-me o facebook da João. E eu por acaso reparei que ela tinha lá uns trabalhos muito fixes

**João** – Ele adorou o meu trabalho.

**Rafa** – É verdade, gostei. Entrei em contacto com ela e tomamos um café e depois começamos a trabalhar juntos.

**Gabi** – A Dona Rosa fez *match* no *Tinder*!

**Rafa** – É mais *linkedin*.

**João** – Tens conta no *Tinder*?

**Becas** – Tens conta no *Tinder*?

**Gabi** – Não! Conheço só porque tive de pesquisar no trabalho, só isso. Eu vou ver a comida, está a cheirar a qualquer coisa.

**Becas** – A Gabi é uma verdadeira *chef* de cozinha. É incrível!

**Rafa** – A sério? Que grande ajuda! Ela ajuda mesmo! Que sorte que tens!

**Becas** – Ela há dias fez um *cous cous*...

**Gabi** – Vocês gostam de pizza?

**João** – Sim.

**Gabi** – Com *pepperoni*?

**João** – O que é?

**Gabi** – Aquele chouriço picante!

**Becas** – Pizza e o Franca?

**Gabi** – Pois, eu decidi fazer um peixinho no forno, ia fazer-vos uma surpresa, era uma piada...mas esturricou.

**Becas** – Desculpa, qual é a piada, não estou a perceber. Eu pedi-te para fazer frango, aquele frango com alcaparras que tu fazes tão bem.

**Gabi** – Era uma surpresa, para comemorar o “Sardinhas” comíamos Robalo, desculpa.

**Becas** – Pois pões-te a fazer coisas que não sabes e depois dá nisto! Já da outra vez foi a mesma coisa com o candeeiro da minha avó. Eu disse-te. Deixa estar, eu chamo alguém para arranjar.



Não, fizeste uma surpresa e partiste o candeeiro! A minha avó tinha mandado aquele candeeiro de Paris! Um *Paris lamp* fantástico. (saem para a cozinha)

**Rafa** – Ainda bem que falaste da terceira tranche a ver se eles se tocam.

**João** – Gostaste?... Posso falar outra vez! Ainda por cima fiz um trabalho do caraças e tive a ideia da estátua da Picu! Eles devem-me bem!

**Rafa** – Tu? Tu só falaste com a Picu! A ideia foi minha!

**João** – Pois, ó Rafinha, somos uma equipa! As ideias são nossas! Eu sou a criativa, tu pões as coisas em acção! As ideias são dos dois, porque os dois trabalhamos nelas!

**Rafa** – Tu és a criativa? Eu não sou o teu assistente!

**João** – Relaxa!

(Becas e Gabi voltam)

**Becas** – Já está! 20 a 40 minutos e comemos. Desculpem, a Gabi às vezes decide inventar e dá nisto.

**João** – Pronto, tudo bem, deixa lá isso! Hoje é para festejar. Sorri. Tens, um sorriso tão bonito!

**Becas** – É isso vamos relaxar. Têm ido ao cinema? Nós fomos ver um brutal do Stanley Duce “Check my window”.

**Rafa** – Eu fui ver! É fabuloso! E com aquele actor o Tim Becken.

**Gabi** – Era o que espreitava à janela.

**Rafa** – Adoro vê-lo trabalhar.

**Becas** – É muito bom. Gosto mesmo de o ver.

**João** – Sabem o que é que deu noutra dia na TVCine3. Deu os “Goonies”! Vocês lembram-se?

**Gabi** – Hei! O “Goonies”! É tão bom!

**João** – Lembraste do Gordo que levava tudo à frente. Adorei!

**Gabi** – O Chunk!

**João** – O Chunk! Ele aparece e eu griso-me logo! É incrível. E o E.T. Ai....

**Gabi** – Ui! O E.T!

**João** – O que eu pedi à minha mãe para me dar o boneco do E.T. no Natal. Sabes o que ela me deu?. Um microscópio...

**Gabi** – Eu tinha um boneco do E.T. Dormia agarrada a ele todas as noites.

**João** – Pudera. Se fosse eu também dormia.

**Gabi** - Sabes? Há uma coisa que eu nunca disse a ninguém... eu chorei a ver o filme.

**João** – (silêncio) Eu também. Naquele momento em que ele está com o Elliot. “Come. Stay. Come. Stay.” O meu pai deu-me um chapadão para eu parar com aquilo. (Rafa ri-se)

**Becas** – A Gabi já vos contou da partida que ela me fez? Ó pá, a sério! Ela é muito brincalhona. Não é que ela chega a meio da inauguração e diz “Ah! Eu tenho uma surpresa e tal, mas é preciso marcar hotel, eu tenho bilhetes para o Benfica-Porto no dia dos meus anos!” Foi tão giro. Ela estava a gozar, não é? Vamos a Roma.

**João** – Os bilhetes que tu me ofereceste?

**Gabi** – Eu já os tinha comprado para ti. Foi uma prenda.

**Rafa** – Aqueles que tu vendeste no OLX?

**Gabi** – Vendeste os bilhetes no OLX? ...

**Becas** – Por falar em coisas que correm mal... temos uma infestação de toupeiras na loja.

**Rafa** – Não!

**João** – Não!

**Becas** – Eu achei estranho porque os arbustos estavam a definhar. Tive de chamar um jardineiro e ele é que me disse que provavelmente foi dos arbustos de framboesas que vocês encomendaram.

**Rafa** – Desculpa, esses arbustos vieram do horto de Felgueiras, é de confiança! É impossível!

**Becas** – Precisamente por ter visto a etiqueta é que o jardineiro disse que já não é a primeira vez que aquilo acontece. Acho que vinham dentro dos sacos com as raízes.

**João** – Não vais dizer agora que fomos nós que andamos a infestar a tua loja, ó Becas.

**Becas** – Eu não! Quem está a dizer é o jardineiro. Ele deve perceber mais disto do que eu ou do que vocês. Agora vou ter de contratar um exterminador de toupeiras, eu não queria nada...

**Gabi** – Eu já vi uma vez como é que isso funciona. Eu vou explicar: aquilo é uma máquina assim com uma espiral e aquilo vai pela terra a dentro e faz zum zum zum zum e ganha força e velocidade e começa a estilhaçar as bichas todas e desfazem-se em bocadinhos muito pequeninos, espalha pela terra e estruma muito bem/ (Rafa desata a chorar e sai)

**Becas** – Ó Gabi?! Olha o que fizeste!

**Gabi** – O que é que eu fiz?

**Becas** – Eu vou ver se ele está bem.

**Gabi** – Sabes o que é que acontece quando pões um tomate no micro-ondas? Trilhas o outro na porta. Percebeste?

**Rafa** – Eu?

**Gabi** – Não, quem puser. O gajo que ponha.

**Rafa** – Porque é que o gajo vai lá pôr?

**Gabi** – Se calhar de pôr.

**Rafa** – (volta) Eu estou bem.

**João** – Senta aqui. Anda cá. Relaxa. (faz-lhe uma massagem no ombro)

**Rafa** – Não me toques que eu não gosto!

**João** – Hei! Tem calma! Relaxa! Que descontrolo! Estás com o período?!

**Becas** – Não se preocupem com a situação das toupeiras. Eu vou tratar de tudo como deve ser. Eu já falei com a Dona Rosa e ela tem um contacto... ela foi extremamente eficaz.

**Gabi** – Ela por acaso é muito eficaz. É eficaz a partir tudo na loja.

**Becas** – Ó Gabi, lá estás tu contra a Dona Rosa!

**Gabi** – É verdade. Ela ainda agora partiu aquela coisa que está em exposição, partiu a mandíbula da tartaruga. Ficou assim lá: nhãnhãnhã!

**Rafa** – Qual mandíbula?

**João** – Qual tartaruga?

**Gabi** – Da estátua que lá está.

**Becas** – Da estátua da Picu, acho que lhe deu com a vassoura sem querer.

**João** – Heyyyy.

**Rafa** – A estátua da tua amiga. A Dona Rosa partiu a estátua?

**Becas** – Pois é. Vocês têm o contacto da Picu, não é? Para arranjar aquilo.

**Rafa** – Tens de falar com a Picu, com a tua amiga.

**João** – Não, não vou. Fala tu com a Picu.

**Rafa** – João, vais ligar à Picu...

## FINAL

**João** – Não vou, não vou.... Ouve lá, tu é que tiveste a ideia da estátua, fala tu com a Picu!

**Rafa** – Desculpa, agora a ideia é minha? Não foi isso que disseste ainda há pouco! Tu vais ligar à tua amiga e vais dizer o que é que está a acontecer.

**João** – Vai tu! Tu é que tiveste a ideia da estátua!

**Rafa** – Ai agora a ideia foi minha?

**João** – Foi tua!

**Rafa** – Ótimo. Foi minha. E quem é que falou com a Picu?

**João** – Fui eu. Mas eu só fui pombo correio! Não posso! Não posso! Não, não! Tu falas com ela e eu fico atrás.

**Rafa** – Deixa de ser mariquinhas e resolve esta situação!

**Gabi** – Eu vou-te explicar: tu para resolver os teus problemas, despedias a Dona Rosa.

**Becas** – Os meus problemas?

**Gabi** – Sim, os teus problemas!

**Becas** – Quem é que não gosta da Dona Rosa? És tu! Que resolvias os teus problemas. Tu resolves tudo à tua maneira!

**Gabi** – Eu? Resolvo tudo à minha maneira? Se fosse à minha maneira não tinhas um jardim, tinhas um armazém!

**Becas** – Uau! Um armazém! Porque é que não fazemos uma loja dos chineses lá atrás? Era melhor, não?

**Rafa** – É para resolver os teus problemas!

**João** – Os meus problemas?

**Rafa** – Tu apareces aos clientes assim toda maltrapilha, pá! Temos uma imagem a manter.

**João** – Temos uma imagem? Eu apareço aos clientes e eles ficam todos contentes por me ver.

**Rafa** – Quando apareces, pá! Sempre atrasada!

**João** – Eu apareço às horas que apareço, ao menos resolvo a porcaria dos problemas, porque quem tem as ideias sou eu.

**Rafa** – És sempre a mesma coisa, João.

**João** – Porque é que há-de ser mais importante a maneira como eu me visto, do que as minhas ideias?

**Gabi** – Tu nem sequer vais comprar o material! Tenho de ser eu!

**Becas** – Eu não vou comprar o material porque eu não gosto de conduzir. Porque é que eu tenho de ir ao Ikea. Tu vais e eu vou ao lado!

**Gabi** – Pois, mas ao menos chegavas a casa e pegavas numa porcaria de uma chave e montavas os móveis!

**Becas** – Mas tu fazes aquilo sem olhar para as instruções. Eu sei lá o que é que é uma chave de estrela ou lá o que é.

**Gabi** – Tens a mania que és multi-tasking, ao menos fazias alguma coisa!

**João** – Já quando foi com o cão atropelado foi a mesma coisa. Viu um cão e pára pára pára que o cão está atropelado, mas depois quem é que foi lá? Fui eu! Teve medo de estragar as unhas ou o caraças.

**Gabi** – Ouve lá. Tu vendes os bilhetes no OLX?

**João** – Vendi!

**Gabi** – Porque é que foste vender os bilhetes?

**João** – Porque eu não gosto de futebol!

**Gabi** – E tu não sabias dizer?

**João** – Tu não perguntaste!

**Gabi** – Ah! Eu?

**Becas** – Porque é que ela havia de dizer? Tu não ouves nada!

**Rafa** – E qual é o problema do meu tote bag? Eu gosto de o usar, qual é o problema?

**Gabi** – Ó pá, tu estás completamente histérico!

(tocam à porta)

**Becas** – Olha... chegaram as pizzas.

(*black out* e a discussão continua em *fade-out*)

**Fi**



## ANEXO D – Cartazes do espectáculo “Do outro lado”



Apresenta:



# DO OUTRO LADO

# LADO

**19 A 29 DE ABRIL DE 2018**

5ª a Domingo às 21h30

**SALA DE BOLSO DA ASSÉDIO**

Rua de Miragaia nº61 Porto

**RESERVAS:**

965 278 230 / 938 612 562

DIRECÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO: SARA COSTA\*

INTERPRETAÇÃO E CO-CRIAÇÃO: ANA VARGAS, GILBERTO OLIVEIRA, IVO BASTOS E JOANA MORAES

\* MESTRADO EM ARTES CÉNICAS

**ESMAE** ESCOLA SUPERIORA DE MESTRIAS DE ARTES CÉNICAS **P. PORTO**

APOIOS:

**assédio**  
teatro







Apresenta:

# DO OUTRO LADO

# LADO

**NOVAS DATAS: 4, 5 E 6 DE MAIO DE 2018**

6<sup>a</sup> a Domingo às 21h30

**SALA DE BOLSO DA ASSÉDIO**

Rua de Miragaia nº61 Porto

**RESERVAS:**

965 278 230 / 938 612 562

M.12

**DIRECÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO: SARA COSTA\***

**INTERPRETAÇÃO E CO-CRIAÇÃO: ANA VARGAS, GILBERTO OLIVEIRA, IVO BASTOS E JOANA MORAES**

\*MESTRADO EM ARTES CÉNICAS

**ESMAE** ESCOLA SUPERIOR  
DE MÚSICA E ARTES  
DO PORTO

**P. PORTO**

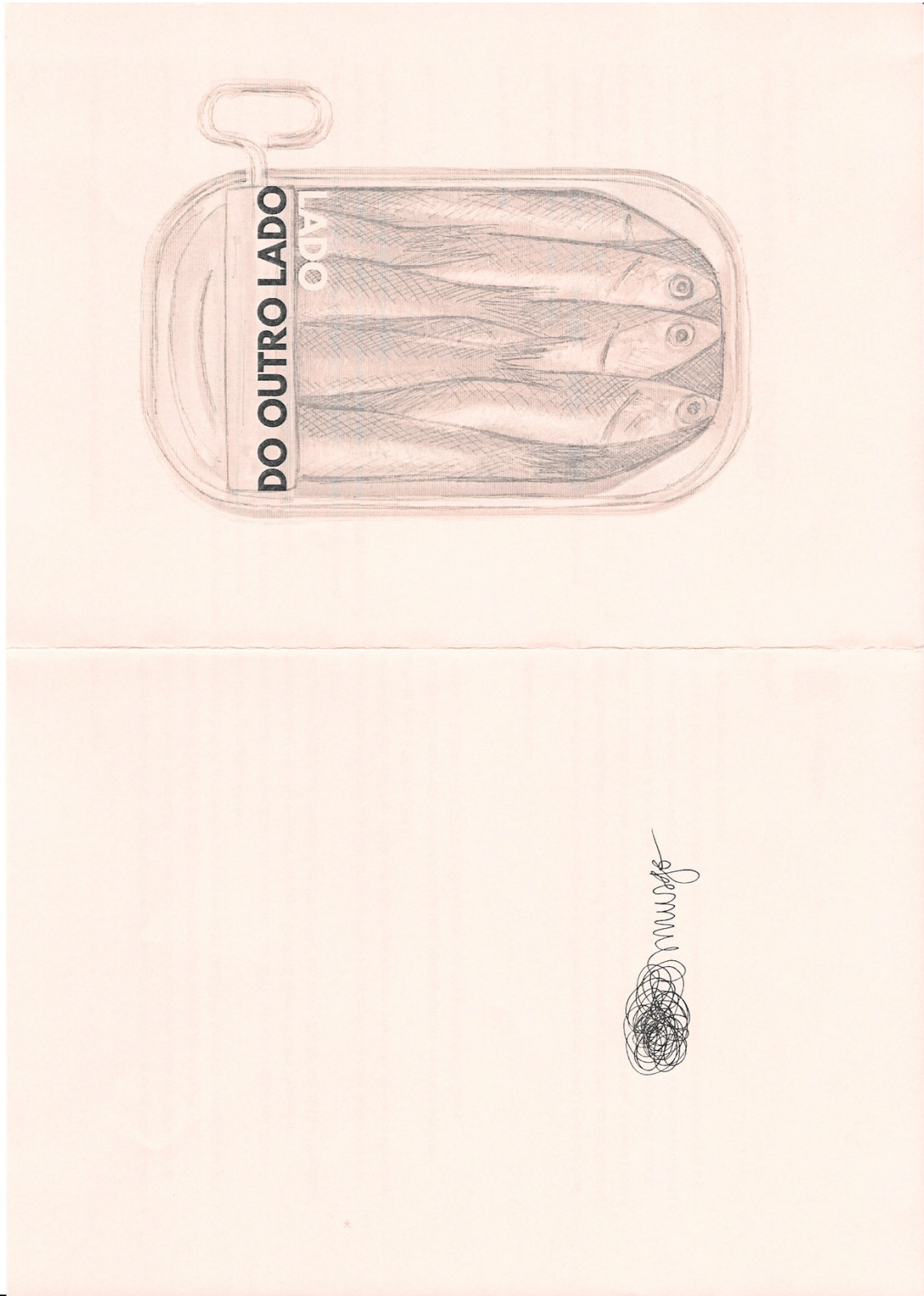
**APOIOS:**

**assédio**  
teatro





## ANEXO E – Folha de sala do espectáculo “Do outro lado”





Sala de Bolso da ASSÉDIO 19 a 22 e 26 a 29 de Abril de 2018 às 21h30

#### Do outro lado

O início de um novo projecto impele as personagens desta história a desenvolver conceitos inovadores; mas nas suas pequenas acções inconscientemente repetidas, revelam-se comportamentos enraizados. Será que se apercebem de como as suas atitudes afectam quem está *Do outro lado*? O que acontece quando passamos para o outro lado?

Este espectáculo é o resultado de um trabalho de pesquisa sobre diferentes formas de construção de personagens e cenas teatrais, partindo da reflexão sobre a diferenciação de géneros e os conceitos de feminino e masculino.

Maiores de 12

#### Ficha técnica e artística

Direcção Artística e Criação: Sara Costa\*

Interpretação e Co-criação: Ana Vargas, Gilberto Oliveira, Ivo Bastos, Joana Moraes

Construção de Texto: Sara Costa

Genografia e figurinos: Musgo

Luz: Ivo Bastos e Sara Costa

Operação técnica: José Carlos Pereira

Cartaz: Alexandre Osório e Sara Costa

Fotos de cena: Carlos Azevedo

\*Mestrado em Artes Cénicas da **ESMAE** ESCOLA SUPERIOR DE MESTRADOS EM ARTES CÉNICAS P. PORTO

Orientadora: Inês Vicente

#### Sobre o Musgo:

Estão sediados no Porto. Têm apostado em criar peças com texto original desenvolvido ao longo do processo de criação, num diálogo criativo íntimo entre todos os elementos da equipa. Outro objetivo do grupo tem sido desenvolver projetos em espaços não

convencionais que, juntamente com um conceito específico, funcionam como elementos base para o processo criativo.

Depois da peça "Gostava de ter um periquito..." de 2011, o grupo, dirigido por Joana Moraes, decidiu dar o nó e formar o Musgo. Em 2012 apresentaram "A casa de Georgienne", seguiu-se "Eldorado" em 2013, "Nó" em 2014, "Sexta" em 2015 e "Revelário" em 2016.

Joana já recebeu o apoio a jovens encenadores da Fundação Calouste Gulbenkian no projeto "Eldorado" (2013) e a Bolsa de criação para jovens criadores do Teatro Municipal do Porto, para o "Sexta" (2015).

No projeto "Do outro lado" desenvolveu-se uma investigação de mestrado em Artes Cénicas da ESMÁE – P.PORTO de Sara Costa, um dos elementos do grupo.

#### Agradecimentos:

Ao Tipar e ao Ricardo Alves pela cedência do material técnico, ao Pedro Lima e ao José Carlos Pereira pelo apoio técnico e moral, ao Carlos Azevedo pelas fotos, ao Rui Alexandre Osório, Ao Catrao Craft Beer Shop, ao Emílio Gomes, à Maria João Mota, à Marta Lima, à Margarida Carvalho, à Silvia e Rui Costa, à Inês Mariana Moitas, à Marta Leitão, Joana Carvalho, Rita Reis, João Pedro Brandão e Patrick Muryls pelo apoio e conversas durante o processo, à Inês Vicente e a todos os meus professores e colegas de mestrado que me acompanharam nesta pesquisa.

#### Apoios:



assédio  
Associação de Apoio à Criação Teatral



## ANEXO F – Registo fotográfico do espectáculo “Do outro lado”





### Índice das imagens por ordem:

Cena1 | Becas – “Aqui vamos ter água.”

Cena1 | O espaço que não vinha na planta.

Cena1 | Gabi – “Mãos ao ar, isto é um assalto!”

Cena1 | Gabi – “Como aquelas lojas na Quarteira, que ti entras para comprar uma boia e saís de lá com dois putos ingleses?”

Cena2 | Monólogo da Becas.

Cena2 | Monólogo do João.

Cena2 | Monólogo do Gabi.

Cena2 | Monólogo da Rafa.

Cena3 | Becas – “Ficou melhor do que eu imaginava. A água a escorrer, os peixes dão-se todos bem...”

Cena3 | Débora, a estrageira.

Cena3 | Mário, o Sr. das entregas (de costas).

Cena3 | Dona Rosa.

Cena3 | Bruno.

Cena3 | Íris.

Cena3 | Raul.

Cena3 | Dona Irene e Sr. Manuel.

Cena3 | Victor, o empreendedor.

Cena3 | Leonor e Fernando.

Cena4 | Becas e Rafa.

Cena4 | O Gabi.

Cena5 | Gabi e Becas estudam francês.

Cena5 | O brinde.

Cena5 | Gabi – “Tu sabes aquela do tomate?”

Final | Rafa – “Tu vais falar com a Picu. Deixa de ser mariquinhas.”

Final | Becas – “Olha, chegaram as pizzas.”

## **ANEXO G – Gravação em suporte DVD do espectáculo “Do outro lado”**

**- Vídeo1 e vídeo2**

ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO

**M**

MESTRADO  
ARTES CÉNICAS  
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

“ Do outro lado” : um projecto para ensaiar trocas entre o  
masculino e o feminino.  
Sara Raquel Mendes Soares Gomes da Costa

